



**Instituto Superior de Ciência da Educação da Huíla  
ISCED-HUILA**

**A IMPORTÂNCIA HISTÓRICA DO REINO TYIHUAKU NA  
ÉPOCA PRÉ-COLONIAL NA ACTUAL SEDE DO  
MUNICÍPIO DO KUVANGO E A INTRONIZAÇÃO DO  
MWENE TYIHUAKU II**

**Autor:** Bernardo Jorge Cambinda

Lubango, 2022



**Instituto Superior de Ciência da Educação da Huíla  
ISCED-HUILA**

**A IMPORTÂNCIA HISTÓRICA DO REINO TYIHUAKU NA  
ÉPOCA PRÉ-COLONIAL NA ACTUAL SEDE DO  
MUNICÍPIO DO KUVANGO E A INTRONIZAÇÃO DO  
MWENE TYIHUAKU II**

Trabalho apresentado para a obtenção  
do grau de Licenciado em ensino de  
História

**Autor:** Bernardo Jorge Cambinda

**ORIENTADOR:** Dr. José Alfredo de Matos

Lubango, 2022



## **Instituto Superior de Ciência da Educação da Huíla ISCED-HUILA**

### **DECLARAÇÃO DE AUTORIA DO TRABALHO DE LICENCIATURA**

Temos consciência que a cópia ou o plágio, além de poderem gerar responsabilidade civil, criminal e disciplinar, bem como reprovação ou retirada do grau, constituem uma grave violação da ética académica.

Nesta base, eu **BERNARDO JORGE CAMBINDA**, estudante finalista do Instituto Superior de Ciência de Educação da Huíla (ISCED-Huíla) do curso de História, do Departamento de Ciências da Educação, declaro, por nossa honra, ter elaborado este trabalho, só e somente com o auxílio da bibliografia que tive acesso e dos conhecimentos adquiridos durante a minha carreira estudantil e profissional.

Lubango, 25 de Janeiro de 2022

Autor

---

**Bernardo Jorge Cambinda**

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho a minha família, amigos, colegas que ajudaram neste percurso académico.

## **AGRADECIMENTOS**

Em primeiro lugar agradeço a Deus pela Vida, ao Dr. José Alfredo de Matos, por aceitar orientar o nosso trabalho.

A todos os professores que orientaram a nossa formação desde a entrada ao ISCED-HUILA até a este momento. Agradeço também aos meus carinhosos colegas com os quais se caminhou durante todo percurso acadêmico.

## LISTA DE SIGLAS

## RESUMO

O marco histórico do empossamento do Muangana na Mbala do Kuvango em 2021, é um assunto a que nos propusemos a investigar. Durante muitos anos, a mbala do Kuvango ficou órfão de um rei, sendo que no ano de 2021, pensou-se em restabelecer o reino, com o empossamento de um novo Muangana, cuja História ficou registada.

Uma mbala, é uma instituição de capital importância para as comunidades, desempenha um papel importante na resolução de conflitos tradicionais, na educação dos jovens, serve também de uma instituição onde os anciãos da comunidade resolvem problemas sociais junto do rei da Mbala. Deste estudo levantou-se o seguinte problema científico: Como analisar o marco histórico do empossamento do muangana na mbala do Cuvango (2021)?

O estudo reveste-se de um objectivo geral analisar o marco histórico do empossamento do muangana (rei) na mbala do Cuvango (2021) e as motivações da selecção do tema para a elaboração do presente trabalho prende-se no facto de não ser abordado nas lides académicas, tendo em conta a escassez de conteúdos relacionados com a temática em questão. O desenho da pesquisa é de carácter descritivo-qualitativo e para o alcance dos objectivos, determinamos os seguintes métodos: método Histórico, pesquisa documental, estatístico e de estória de vida, associado aos métodos, utilizamos como técnicas o inquérito por entrevista e o inquérito por questionário.

Além da introdução, conclusões e sugestões, o trabalho está configurado em três capítulos distribuídos da seguinte maneira: no primeiro capítulo, destacamos a fundamentação teórica, no segundo capítulo, destacamos o empossamento do novo muangana no Kuvango e no terceiro o tratamento de dados estatísticos.

**Palavras-Chave:** Marco histórico, Empossamento, Mbala, Muangana e Kuvango.

## **ABSTRACT**

The historical milestone of the induction of the Muangana in the Mbala of Kuvango in 2021 is a subject we set out to investigate. For many years, the mbala of Kuvango was orphaned of a king, and in the year 2021, it was thought to re-establish the kingdom, with the swearing in of a new Muangana, whose history was recorded.

A mbala is an institution of capital importance for the communities, it plays an important role in the resolution of traditional conflicts, in the education of young people, it also serves as an institution where the elders of the community solve social problems with the king of the Mbala. This study raised the following scientific problem: How to analyze the historical milestone of the swearing in of the muangana in the Cuvango mbala (2021)?

The general objective of the study is to analyze the historical milestone of the installation of the muangana (king) in the Cuvango mbala (2021) and the reasons for selecting the topic for this work are related to the fact that it has not been addressed in the academic literature, given the scarcity of content related to the theme in question. The research design has a descriptive-qualitative character and to reach the objectives, we determined the following methods: historical method, documental, esthetical and life story research, associated to the methods, we used as techniques the inquiry by interview and the inquiry by questionnaire.

In addition to the introduction, conclusions and suggestions, the work is divided into three chapters: in the first chapter, we highlight the theoretical foundation, in the second chapter, we highlight the swearing in of the new muangana in Kuvango and in the third chapter the treatment of stastic data.

**Key-words:** Landmark, Induction, Mbala, Muangana and Kuvango.



## Índice

DECLARAÇÃO DE AUTORIA.....	ii
DEDICATÓRIA.....	ii
AGRADECIMENTOS .....	iii
LISTA DE SIGLAS .....	iv
RESUMO.....	v
ABSTRACT .....	vi
INTRODUÇÃO .....	1
CAPITULO I: GENERALIDADES.....	7
1.1. Localização Geográfica do Município do Cuvango .....	8
1.2. Origem dos Povos Ganguela do Cuvango .....	8
1.3. Principais Actividades Económicas do Cuvango.....	11
1.3.1. A Agricultura.....	11
1.3.2. Criação de Gado .....	13
1.3.3. A Caça.....	14
1.3.4. A pesca .....	15
1.4. Culturas e Religião dos povos Ganguela do Cuvango .....	16
1.5. Modo de Vida ou Organização Social dos Nganguelas .....	19
CAPÍTULO II: O MARCO HISTÓRICO DO EMPOSSAMENTO DO MUANGANA (REI) NA MBALA DO KUVANGO (2021).....	22
2.1. A Entronização dos Soberanos em Angola .....	23
2.2. Acto de Empossamento de um Mwene Nganguela.....	24
2.3. A Mbala Tyihuaku do Cuvango, seu Percurso Histórico .....	25
2.4. Fama de Tyhuaku como grande Líder da Época Pré Colonial .....	28
2.5. Época Colonial (na presença do Pioneiro e Missionário) .....	29
2.6. Contradições entre Tyihwaku e Pe. Ernesto Leconte.....	30
2.7. Causas e Consequências da Derrota do Tyhuaku .....	36

2.8. Fuga e Captura do Rei Tyihuaku.....	37
2.9. Reconhecimento Histórico do Rei Tyihwaku .....	39
2.10. A Deportação de Tyihwaku e a Cronologia da Sucessão.....	40
2.11. Após o Colonialismo.....	43
2.12. Restauração do Reino do Kuvango e Intronização do Rei Tyihwaku II ...	43
CAPITULO III- ANÁLISE E TRATAMENTO DE DADOS.....	50
3.0 – Preliminares da Investigação; .....	51
3.1- Designs da pesquisa .....	51
3.2. População e Amostra .....	51
3.2.1. População .....	51
3.2.2. Amostra .....	51
3.3. Técnica para recolha de dados .....	51
3.4. Dados obtidos .....	52
3.4. Questionário aplicado aos residentes do Cuvango .....	53
Conclusões.....	57
Sugestões .....	58
BIBLIOGRAFIA E ANEXOS .....	59
Bibliografia.....	60
ANEXOS .....	62

# INTRODUÇÃO

## **Introdução**

O marco histórico do empossamento do rei na mbala de Cuvango, é um assunto em que nos propusemos a abordar no presente trabalho. Faz-se abordagem sobre o percurso histórico da mbala do Cuvango, que ficou órfão de um rei durante muitos anos, sendo que no ano de 2021, iniciou-se um processo electivo de um novo rei, empossado no ano ora mencionado.

O evento histórico do empossamento do novo muangana (rei), tornou-se um marco importante no povo Nganguela do Cuvango, tal importância que pretendemos aflorar na presente dissertação.

Pretende-se analisar o marco histórico do empossamento do rei (muangana) na Mbala do Cuvango, através da utilização da pesquisa bibliográfica, documental e os inquéritos por entrevista e por questionário, visando em última instância, a obtenção do grau de licenciatura em ensino de História.

O trabalho é de carácter descritivo-qualitativo e quantitativo com o objectivo geral analisar o marco histórico do empossamento do novo rei na mbala do Cuvango, com base nos dados e informações recolhidas em torno da temática, fundamentado nas diferentes facetas de um longo processo que terminou com a entronização do muanga da mbala do Cuvango.

Para a concretização dos objectivos, utilizamos os métodos indutivo, dedutivo, histórico, pesquisa documental, método de história de vida e estatísticos.

## **I- Identificação do Problema**

Qualquer fenómeno ou facto a investigar parte sempre da existência de um problema. Segundo Martins (2004, p. 74-75) problema é o apontamento das questões a partir das quais será efectuada a problematização que aparecerá como meio de levantar questões para o desenvolvimento da pesquisa e a elaboração do texto. Na pretende abordagem identificou-se que a mbala do Cuvango durante décadas ficou órfão de um rei e que toda a actividade real durante o período da ausência conheceu a sua paralização.

**II. Problema Científico:** Como analisar o marco histórico do empossamento do muangana na mbala do Cuvango (2021)?

Objectivos:

### **III. Objectivos**

Para fazer frente o desafio a que nos propusemos a abordar, olhando para a temática em causa, na presente pesquisa formulamos os seguintes objectivos:

#### **a) Objectivo Geral**

Analisar o marco histórico do empossamento do muangana (rei) na mbala do Cuvango (2021)

#### **b) Objectivos Específicos**

- Caracterizar o reino do Cuvango, e seu contributo na resolução dos problemas sociais e económicos.
- Descrever o papel do muangana e da sua mbala para as comunidades do Cuvango.
- Identificar o problema que levou a mbala do Cuvango a ficar sem o muangana.
- Explicar o processo de eleição e empossamento do muangana na mbala do Cuvango.

#### **IV. Justificação do Tema**

O empossamento dos reis em Angola, é um assunto de muita relevância para as culturas dos povos, mas notamos poucas informações e pouca divulgação do assunto que é de carácter importante para a cultura e transições do país. Ademais, o empossamento de um rei e a relevância que uma mbala é um processo que deve ser estudado dentro da antropologia angolana por ser um país que valoriza o poder tradicional como parceiro do Estado, daí que é importante que se saiba a ordem teórica e prática da entronização dos reis em Angola de forma geral e de forma particular no reino do Cuvango, principalmente fazer saber a comunidade académica sobre a importância de que o assunto se reveste.

#### **V. Importância do Trabalho**

O presente trabalho assegura-se importante sob dois pontos de vista, teórico e prático: Do ponto de vista teórico visa a sistematização do conhecimento teórico existente sobre o tema;

Do ponto de vista prático se pretende elaborar uma monografia no domínio da Antropologia cultural que resulte em suporte de consulta, para os estudantes do curso de História bem como para a comunidade académica interessada em saber sobre o tema em questão.

#### **VI. Instrumentos Metodológico**

**Método:** significa literalmente seguir um caminho. Refere-se à especificação dos passos que devem ser dados, em certa ordem, para alcançar um determinado fim (Carvalho, 2009, p. 83).

Adoptamos um designer descritivo, como suporte aos métodos de procedimentos que são: método histórico, e método de pesquisa documental, método de História de Vida e método estatísticos.

**Método Histórico:** o método histórico consiste em investigar acontecimentos, processos e investigação do passado para verificar sua influência na sociedade de hoje, pois as instituições alcançaram sua forma actual por meio de

alterações de suas partes componentes, ao longo do tempo, influenciadas pelo contexto cultural particular de cada época (Lakatos e Marconi, 2002, p. 91).

Utilizamos o método histórico para analisarmos a evolução histórica da mbala de Cuvango.

**Método de Pesquisa Documental:** Segundo Alessandra (2001, p. 180) é um estudo baseado em documentos como material primordial, sejam revisões bibliográficas, seja pesquisa historiográfica, extraem deles toda análise, organizando os objectivos da investigação proposta, que permite também extrair informações de gravações, rádios, televisão, livros, revistas especializadas, relatório de ONG, internet, artigos de jornais e semanários.

Utilizamos o método de pesquisa documental porque para a elaboração do nosso trabalho, teremos de nos socorrer aos materiais disponíveis como suporte da nossa abordagem.

**Método estatístico:** segundo Quetelet, os processos estatísticos permitem obter de conjuntos complexos, representações simples e constatar se essas verificações simplificadas têm relações entre si em termos quantitativos.

Utilizamos o método estatístico, para análise de dados estatísticos mediante o inquérito por questionário.

**Método de História de Vida:** Partindo do princípio de que, o bom senso é sempre uma variável a ter em conta no acto investigativo, faremos também recurso ao método de História da Vida, pelo facto de que, não só focalizaremos a nossa atenção na tradição investigativa como também na vida do entrevistado, no seu todo.

Nos socorremos ao método de História de vida, porque faremos a entrevistas de pessoas que viveram este momento importante do empossamento do muangana na mbala do Cuvango.

## **VII. Técnica**

A técnica que pretendemos usar no presente trabalho é análise documental e outros meios que permitam adquirir maior informação no que diz respeito ao assunto em abordagem, com destaque ao inquérito por entrevista.

**Inquérito por Questionário:** O inquérito por questionário é utilizado para colectar dados, uma vez que possibilita medir com exactidão aquilo que se deseja, é um instrumento de investigação que visa recolher informação baseando-se, geralmente, na inquirição de um grupo representativo da população em estudo (Leite, 2008, p. 109).

Com essa técnica, pretendemos procurar saber o nível de conhecimento que os estudantes têm, sobre o poder tradicional em Angola, nas diferentes Mbalas em diversas realidades culturais.

### **VIII. Hipóteses de Pesquisa**

Hipóteses é uma suposição realizada provisoriamente com intuito de explicar algo desconhecido (Appolinário, 2006, p. 109).

Não levantaremos hipóteses, por se tratar de um trabalho com carácter descritivo.

### **IX. Definição dos Conceitos-Chave**

**Marco Histórico:** são acontecimentos de grande importância que de certa forma mudaram a sociedade, seja esfera política, económica, social ou religioso, que marcaram a História mundial, regional ou local.

**Empossamento:** é um processo pelo qual uma entidade com mérito electivo ou com a aceitação social é chamado para assumir responsabilidades dentro de um contexto político, social e cultural (Silva, 1994).

**Mbala:** é o palácio do rei local onde está construída a residência oficial do muangana (rei), também a Mbala é usada para designar o bairro onde está implantado o palácio do rei, onde são resolvidos todos os problemas de índole tradicional que surgem na comunidade (Goulart, 2012)

**Cuvango:** é uma cidade e município da província da Huíla, em Angola, tem 9680 km<sup>2</sup> e cerca de 57 mil habitantes. Limitado a norte pelos municípios de Cachiungo e de Chicala-Choloanga, a leste pelos municípios de Chitembo e Cuchi, a sul pelo município do Cuvelai e a oeste pelos municípios da Jamba e do Chipindo (Lei 8 de 2016).



## **CAPITULO I: GENERALIDADES**

## **CAPITULO I: GENERALIDADES**

### **1.1. Localização Geográfica do Município do Cuvango**

O Cuvango, é um município da província da Huila, em Angola, tem cerca de 9 680 km e cerca de 57 mil habitantes.

- É limitado a Norte pelos municípios de Cachiungo e de Chicala-Choloanga;
- Leste pelos municípios de Chitembo e Chuchi
- A sul pelo município de Cuvelai
- A Oeste pelos municípios da Jamba e Chipindo

O município é constituído pela comuna sede e pelas comunas de Galangue e Vicungo, a localidade é servida pelo caminho-de-ferro de Moçâmedes que liga a província do Cuando Cubango ao Lubango passando pelos municípios da Matala e do Quipungo (Kassanga, 2015).

### **1.2. Origem dos Povos Ganguela do Cuvango**

O grupo etnolinguístico vanganguela, chamado, também, apenas por nganguela, situa-se, como já tivemos oportunidade de relatar, nas províncias do Moxico e Cuando Cubango, na fronteira leste, desde a bacia do rio Zambeze até o curso do rio Cubango. Outra parte ocupa o centro do país, nas províncias do Uíge e de Malanje.

Kativa (2011) explica que o termo "nganga" quer dizer conhecedor dos segredos da natureza e o soba nganga ou soba sábio seria o antepassado máximo dos nganguelas, o Mwene Nganga. O mesmo autor lamenta que o significado do termo tenha se perdido no tempo e no espaço, deixando de ter valor positivo e passando a ter sentido pejorativo, pois era chamado de tynganga o feiticeiro que tinha a intenção de matar alguém utilizando segredos botânicos. Assim, nganga passou a significar grande feiticeiro.

Já Kwononoca (2014) afirma que o termo nganguela significa oriente ou leste e o povo desse grupo era constituído por uma dezena de subgrupos, de acordo com as variantes existentes da língua nganguela, designados

yinganguela/opvinganguela ou simplesmente os do Leste. No seu percurso, alguns desses subgrupos foram ficando pelo caminho, de modo que é possível encontrá-los no interior e no exterior de Angola.

Trata-se de uma das civilizações da Idade do Ferro, que se instalou nos grandes lagos. A sua entrada em Angola teve início em meados do século XVII e sua fixação deveu-se às terras férteis para a agricultura e às boas condições para a caça e para o trabalho com o ferro.

Como defende Redinha (1975), o grupo ganguela tem uma das civilizações que na idade do ferro se instalou nos grandes lagos, na região do Tanganica, saindo do centro da África devido as condições nefastas que se lhes ofereciam, para o autor este povo é conhecido nos grandes lagos como Kalombo, porque de antemão na idade do ferro já eram bem desenvolvidos.

Na mesma linha de pensamento do autor acima mencionado comunga o autor Kassanga (2015), ao salientar:

“à semelhança de outros povos de etnia Banto, o povo ganguela, historicamente é proveniente da região dos grandes lagos, esta deslocação realizada em diferentes regiões do continente africano, em geral na actual República de Angola teve como objectivo fundamental a procura de melhores condições de vida e de recursos naturais favoráveis à sustentabilidade da sua economia tradicional: agricultura, criação de gado, pesca, caça” (Kassanga 2015 p. 17).

Para o autor, a exemplo de outros povos de origem Banto, os Ganguelas também provenientes da região dos grandes lagos, na procura de melhores condições de vida, realizaram varias expedições até chegar no centro e sul de Angola, praticando desta forma uma economia rudimentar.

O povo ganguela sempre na procura de melhores condições de vida direccionou os seus passos para o Oeste de África, passando a norte da Zambia, e entrando em Angola no século XVII, não se sabe ao certo quem chefiou a caravana, a rota de migração a pós a travessia do kuando, instalaram-se entre kempo e Kuando. a caravana ganguela não teve o mesmo destino, por isso é que se verifica a instalação de grupos ganguela em vários locais quer no interior de Angola ou no exterior (Esterman, 1962).

De acordo com o autor, este povo chegou em Angola no século XVII, instalando-se em vários pontos de Angola atravessando o rio Kunene conseguiram ocupar algumas terras para o pasto e para a prática da agricultura.

Alguns avançaram para o centro de Angola, mas o planalto do Bié, já estava ocupado por Ovimbundu, os Ganguela desceram e ocuparam todo o sudeste de Angola entre os rios Kuando e Kubango. Em todo o sudeste de Angola o povo Ganguela começou a formar reinos, dos quais alguns se tornaram particularmente importantes tais como: no leste o reino Mbvelas; no centro o reino Vunongue e, a Oeste os reinos de Mpenge e de Katoko (Kassanga, 2015).

Estes reinos não tinham subordinação única como acontece com outras populações, mantinham laços comerciais com outros povos e trocavam produtos de extração do ferro, cera, marfim e borracha. No decorrer da expansão Ganguela houve alguns conflitos com outros povos tais como os Ovimbundos, que faziam guerra para adquirir escravos para troca comercial com os portugueses, e, de igual modo, com os Kiokos para se apoderarem das ricas terras de caça, e também com os Kwanyama por causa dos utensílios metálicos e de gado.

“com tudo o povo Ganguela durante o período das migrações já fabricavam instrumentos de ferro que grandemente contribuíram para execução de vários instrumentos de trabalho. A tecnologia da fundição do ferro já era do seu domínio, esta tecnologia metalúrgica os Ganguela conseguiram romper todos os obstáculos encontrados durante o longo percurso, esta lenta marcha migratória do povo realizou-se em várias direcções, na procura de melhores condições de terra para sua instalação” (Kassanga, 2015, p. 20).

Continuando no mesmo diapasão o autor salienta que, no processo da expansão Bantu, o povo Ganguela já utilizava instrumentos metalúrgicos e pouco a pouco foram fabricando alguns instrumentos de trabalho, que lhes permitiu trabalhar a terra e se proteger de animais ferozes, sempre com objectivo de procurar melhores condições de vida.

Foi desta feita que a expansão dos Ganguelas se estendeu até ao Kuvango, com a formação do grande reino do Katoko em 1886, tendo-se construído o forte Kuvango, que vemos hoje. O desenvolvimento deste reino a semelhança de

outros, se fez na base da orientação de grandes reinos, liderados por Muanganas com grandes experiências de dirigir e orientar o povo.

### **1.3. Principais Actividades Económicas do Cuvango**

Embora oriundos das antigas populações de caçadores, dedicam-se principalmente à agricultura de subsistência e, por influência dos criadores de bois do sudoeste, à pecuária. Entretanto, a caça tem lugar de destaque e, ainda hoje, é possível encontrar, ao longo da estrada que liga Menongue ao Cuito Cuanavale, grupos de caçadores que apreenderam a presa logo cedo e ficam à beira da estrada para vender o produto, a carne de cabra do mato, bastante apreciada na região.

#### **1.3.1. A Agricultura**

Segundo Estermann (1960), a prática da agricultura esta intimamente ligada a dependência das quedas pluviométricas. É da inteira responsabilidade das mulheres o cultivo da terra com ajuda dos homens com ajuda de um instrumento rudimentar.

Kwononoca (2014) confirma a importância da agricultura para esses povos, principalmente na estação chuvosa, e destaca que esse trabalho é essencialmente realizado por mulheres, com a limpeza, desbravamento do solo e lançamento das sementes. Apenas a derrubada das árvores, segundo o autor, é realizada pelos homens.

Culturalmente são mais chegados às tradições dos povos da bacia do rio Zambeze. Embora oriundos das antigas populações de caçadores, dedicam-se principalmente á agricultura na sua área oriental. Na sua parte ocidental, por influência dos criadores de bois do sudoeste, dedicam-se muito à pecuária. Das suas actividades económicas constam, para além da agricultura e da criação do gado, também a pesca lacustre e a apicultura (Idem).

Na vida do povo ganguela, a agricultura ocupa o lugar cimeiro entre todas as demais actividades, todo povo ganguela tem agricultura como tarefa fundamental, por isso cada lar ou pessoa, na idade activa tem a sua lavra onde tira os produtos para garantir a sua sobrevivência

Carvalho (1997), alega que, a actividade agrícola sempre mais ligada a subsistência, e quando há excedentes, são feitas transacções comerciais internas na região, na época da seca dificilmente existe excedente de produção, a irregularidade da distribuição das chuvas continua a ser o principal constrangimento a produção agrícola, uma vez que se reflecte na irregularidade das colheitas dos cereais não só de consumo alimentar básico como o milho, massango, pepino, mandioca, abobora batata-doce, rabanete, feijão-frade, mutete, mussongo, abobora, feijão e de diverso tubérculos como consequência deste factor que se tem agravado nos últimos anos, as populações comercializam o gado em gesto permuta para garantirem a sua sobrevivência.

Para Bastirdes (1968), as lavras são propriedade comum do marido e da esposa, são trabalhadas pelos dois e os produtos são propriedades do casal, normalmente cada casal tem uma lavra familiar, a lavra é tão importante porque dela se tiram os produtos que constituem a base da alimentação e da economia, normalmente, a lavra está afastada da aldeia. Por isso para melhor aproveitarem o tempo na altura da lavoura, as pessoas passam muitas vezes a viver nas lavras, como se não bastasse toda pessoa que tem problemas de convivência social encontra na aldeia um lugar de refúgio para superar estes males, na altura da colheita o casal juntos dos filhos trabalham em sintonia e após a colheita, o produto é transportado para aldeia e arrecadado em celeiro ou tulhas onde se retira aos poucos o que é preciso para o consumo da casa sendo o excedente comercializado para aquisição de vestuário, produtos industriais e animais para criação.

Na perspectiva actual no município do Cuvango, algumas lavras continuam a ser propriedade colectiva da família, a pesar de existir alguns casais que demonstram ter lavras privadas separadas da família, as finalidades da lavra familiar visa a satisfação das necessidades colectivas ao passo que a lavra privada do marido ou da mulher tem como objectivo satisfazer as necessidades individuais do proprietário.

### **1.3.2.Criação de Gado**

De acordo com Esterman (1962), o gado mais frequente é o bovino, o caprino e o suíno. A ave doméstica mais frequente é a galinha, as pombas, os patos e os perus são raros. Normalmente se os animais forem comprados com o produto fruto do trabalho do casal, este animal pertence ao casal, caso contrário se for comprado com os produtos da lavra do marido este animal é exclusivo do marido, para o ganguela, na compra de um animal é preciso dar a conhecer o facto aos familiares mais próximos para que, no caso de um falecer, eles terem o poder de decisão sobre aquela propriedade.

Em geral o povo ganguela utiliza os animais para pagar questões de litígio ou para emprestar a qualquer membro da comunidade que por circunstância da vida venha a precisar, de igual modo estes animais são necessários para festas familiares, os animais de tracção são utilizados para trabalhar a terra, as fêmeas servem para dar leite do qual fazem manteiga e os precisos temperos para as comidas (Idem).

Segundo Bastide (1968),na aldeia normalmente existe sempre alguém que inicia a criação de bois e faz o seu curral, com o avanço do tempo outros que conseguem uma cabeça pedem ao dono do curral para se associarem a ele, quando o gado começa a se multiplicar escolhem um outro local dentro da aldeia com mais espaço e fazem um curral alargado, cercando-o com paus fortes até com ferros para se proteger dos ataques de outros animais.

Para o autor, nas aldeias sempre existe um mais velho com princípios de criação de gado, monta o seu curral e posteriormente os outros membros da aldeia seguem os mesmos passos, pondo os seus animais no curral do mais velho a fim de se garantir o processo da procriação até que se crie melhores condições de acomodação do gado visita. Nos dias de hoje, atendendo ao processo de evolução das sociedades e de forma conseqüente o seguimento e cruzamento de culturas, são raros os casos onde existem uma aldeia que o ancião da aldeia é que controla maior parte do gado, cada familia controla os seus proprios bens nas condições que se encontra.

### **1.3.3.A Caça**

Segundo Carvalho(1997), a norma geral é que todo o homem pode caçar e bater todo animal que encontrar, todo homem anda munido de instrumento de defesa pessoal e de caça como flechas, lanças, espadas, porrinhos, machados e facas. Todo homem anda com estes instrumentos quando vai a mata, pois a mata esta entregue a vários animais selvagens e, muitas vezes, ferozes, como o leão, a onça e a cobra. Na aldeia existe também os caçadores profissionais que criam animais de caça com ajuda do cão, apanham alguns animais tais como palancas, gungas, mpulus, ntyolongos, ntava, cabras da mata e coelhos. Estes caçadores em alguns casos usam arma de fogo como é o caso dos kanyangulu adquiridas em troca de bois e outros artigos.

O tempo de caça depende daquilo que os caçadores utilizam para os caçadores que utilizam cães o tempo adquado é o seco, para os que utilizam arma de fogo, qualquer tempo é propicio porque são eles que procuram os animais para os Ganguelas existe a caça particular, a caça comunitária e a caça para rituais.

Na caça particular o caçador vai a mata em qualquer tempo, hora ou dia para abater os animais, e vai por livre vontade, faz uma caça conforme o tamanho e a quantidade de animais que abate. A caça comunitária realiza-se quando há falta de acompanhante na aldeia e, principalmente quando se prepara uma festa na qual a aldeia irá acolher pessoas de outras aldeias, neste tipo de caça os caçadores são voluntários, caracteriza-se pelo facto dos caçadores irem em coluna um por um ao passo que a caça para rituais faz parte do cerimonia de um culto religioso, no qual as mais pessoas pedem o bem-estar e a sorte, invocando o nome de Deus e dos antepassados como intervenientes na sorte e do bem-estar desejado (Idem).

A caçada para ritual também é feita na eleição do soba, é programada porque entra no conjunto das varias cerimónias, no dia da caçada, o homem escolhido, aquele que posse do sobado ao eleito, reúne os caçadores e cinge-os com farinha nas fronte depois de ter invocado nomes dos antepassados caçadores



até nomes de soba e de Deus, para que sejam ajudados a realizar a caçada e não haja ferimento nem mortes provocadas por leões, cobra e onças.

Os nossos dias estas práticas de ritos seguidos antes da caça, em algumas aldeias do município do Cuvango não se faz sentir por vários motivos a salientar o cruzamento cultural entre vários povos no município do Cuvango, o fracasso na transição de testemunho dos mais velhos aos mais jovens, hoje cada um vai caçar a sua maneira apanha os animais a seu jeito e regressa para a aldeia sem obdecer qualquer rito.

#### **1.3.4. A pesca**

A pesca não é uma actividade exclusiva do homem, também as mulheres se entregam a ela, pescam em rios não muito profundos, as mulheres vão a pesca, sobretudo no tempo seco, quando a água dos rios diminui o seu caudal.

Em relação à pesca, Kwononoca (2014) relata como peculiaridade a utilização de instrumentos e técnicas diversos, bem como o uso de algumas raízes maceradas, uma espécie de veneno para embriagar os peixes a fim de facilitar sua captura. Kativa (2011) ensina que, para a pesca, também é comum o uso de cestos especiais, chamados de tyengo. Esses cestos são feitos de paus que os homens entrelaçam com as mãos, de modo que nenhum peixe possa passar pelas aberturas. A pesca com esse utensílio é feita primitivamente pelas mulheres e pode ser uma actividade individual ou colectiva. Quando colectiva, as senhoras vão e voltam cantando canções que fazem piada sobre as mulheres preguiçosas, de modo a, indirectamente, motivarem as outras a se engajarem nas tarefas a serem realizadas. As cantigas também falam dos hábitos e costumes do povo, criticam e chamam a atenção sobre as atitudes consideradas inadequadas e falam dos sentimentos das mulheres.

Dentre as actividades produtivas do povo ganguela, também esta incluída a pesca fluvial, os riachos que a ele confluem são ricos em peixes, no que diz respeito à pesca, nos tempos remotos esta prática era feita com grande frequência, pois que as intempéries climáticas eram favoráveis permitindo a

captura de uma grande quantidade de peixe que servia para satisfazer as necessidades da população (Carvalho 1997).

Nos tempos actuais esta actividade é muito diminuta visto que só um pequeno número de habitantes realiza esta actividade, muitas populações vivem distantes dos rios, lagos e lagoas e por sua vez aquelas pequenas populações que se encontram próximo aos rios têm essa possibilidade de praticar a pesca de forma regular atendendo o processo das quedas pluviométricas no caudal dos rios.

A pesca é realizada por homens que para tal tenham disposição, fazendo nassas e improvisando diques nos rios de pequeno curso para melhor apanharem peixes, alguns pescadores de profissão fazem nassas de caniços e rede para apanhar peixe grandes, este tipo de pesca efectua-se tanto no tempo chuvoso como tempo seco. na vida da família a pesca é valiosa porque diminui a carência de alimento e não só o peixe serve de troca por outros artigo.

#### **1.4. Culturas e Religião dos povos Ganguela do Cuvango**

Um povo é sempre um conjunto em evolução que se vai adaptando aos diferentes condicionalismos do tempo, espaço e situações sociais, por isso, a cultura evolui com esse povo, salvar a genuinidade cultural dum povo não significa queres mante-lo no seu arcaísmo, ou fazer dele uma reserva para turistas, mas fazer com que ela evolua desde dentro controlando o seu processo de crescimento, adaptando-se de acordo com os seus valores fundamentais, às diferentes situações da vida<sup>1</sup>.

A Cultura é sempre conjunção do passado com o novo, a vida que se recebeu vai passando por novas situações e tem de evoluir dentro de um mundo em movimento cujo objectivo é a realização pessoal e comunitária no mundo em que se vive.

“a cultura inclui não apenas aqueles elementos da experiência passada e da história que são tidos em consideração por serem considerados relevantes e significativos, mas também aquelas novas aquisições da interacção com o vasto mundo e que o povo decide adoptar e interagir

---

<sup>1</sup> Os 40 anos de África e o “Mundo Cultural dos Ganguela”

na sua vida. Em cada momento, o povo realiza uma síntese cultural de elementos provenientes dos dois lados, e essa síntese é o que se entende de cultura” (Carvalho, 1997 p.20).

No meio de todos seus valores culturais, o povo ganguela, também tem as suas sombras que exige uma plena evolução, na linha de uma maior humanização de todos seus princípios e estruturas, para tal o processo de evolução e humanização deve ser sempre crescente.

A religião ganguela centra-se sobre tudo no culto aos antepassados, porém isto não quer dizer que Deus não exista para eles, os antepassados são considerados como intermediários, para o ganguela Deus está ligado aos elementos de sinal positivo da vida, o nome de Deus está ligado a ideia de juntar, criar, de inteligência, Deus é certamente uma realidade que significa muito no mundo ganguela.

Sobre as práticas religiosas, Kwononoca (2014) afirma que os Ganguelas, para além das religiões universais cristãs (católica e protestante), acreditam em almas penadas e espíritos malignos, além de reverenciarem os espíritos dos seus antepassados, denominados *vakulu*, *ndumba-ai*, *munto* e *kazumbyei*. Segundo a tradição, os adivinhos, curandeiros e feiticeiros estão intimamente ligados a essas divindades. Rosendahl (2002) chama de espaço sagrado e religioso, tido como,

[...] um campo de forças e de valores que eleva o homem religioso acima de si mesmo, que o transporta para um meio distinto daquele no qual transcorre sua existência. É por meio de símbolos, dos mitos e dos ritos que o sagrado exerce sua função de mediação entre o homem e a divindade. É o espaço sagrado, enquanto expressão do sagrado, que possibilita ao homem entrar em contato com a realidade transcendente chamada "deuses" nas religiões politeístas e "Deus", nas monoteístas. (Rosendahl, 2002, p. 122).

Segundo Gabriel (1977), a religião entre os Ganguela centra-se no culto aos antepassados, estes são os intermediários necessários pois raramente o Ganguela se dirige directamente a “Kalunga”, a Deus. Os antepassados aparecem integrados com toda a espontaneidade no grupo, tem um lugar importante na vida dos Ganguelas, pois todos os momentos relevantes na sua vida estão marcados pela sua presença. por exemplo ao se analisar o rito de circuncisão, começa um gesto dirigido aos antepassados, ao principio por toda

a aldeia e, depois por todo grupo representativo que intervém nela, após o acto de circuncisão a criança sacrifica um animal.

Entre a aldeia e os antepassados existe realmente uma ligação muito forte e profunda, os gestos mostram como a religião esta integrada no meio cultural do quimbo, os antepassados continuam a ser um grupo da aldeia, com quem se convive com toda naturalidade, trata-se de uma civilização simbólica onde os vivos e os mortos formam a mesma comunidade (Bastirdes, 1968 p. 103).

Para o autor, entre a aldeia e os os espíritos dos antepassados, existe uma ligação muito profunda, visto que a luz da cultura africana os mortos continuam a proteger os vivos, os espíritos dos antepassados fazem parte de um grupo especial da aldeia principalmente os anciãos que tanto deram as suas vidas para aldeia.

Segundo Galileia (1975), a religião é vivida como algo presente em tudo, em todo homem e em todos os momentos importantes da vida, a frequência do contacto com o além não é dado pelo tempo, mas pelo ritmo da vida e dos acontecimentos, é no contacto com a natureza e com os acontecimentos que o Ganguela experimenta a presença do além, existe alguns momentos especiais que estão marcados de um modo especial, por esta presença como o nascimento, o casamento, a doença e a morte.

Para Milheiros (1949), os Ganguelas crêem em um deus (*calunga*) que, segundo eles, possui duas versões, uma nos céus, que provoca chuva, trovoadas e outros fenómenos atmosféricos e outra no fundo da terra, que faz crescer as plantas. Pensam que Deus é um ser sem pés nem mãos e possui apenas uma cabeça enorme e olhos brancos e grandes.

Kativa (2011) insiste que o vanganguela acredita numa alma das coisas, num mundo dos espíritos, numa força vital. Assim, nessa cultura, se alguém na família, por acaso, fica doente, é sinal de que os antepassados estão tristes pela falta de orações e sacrifícios que lhes agradem. Perante esse tipo de crise, os mais velhos se reúnem e escolhem um lugar ou um cruzamento de vários caminhos, a fim de prestarem culto aos antepassados, com aspersões de fubá, água e sangue de galinha, num ritual de sacrifício. Feito isso, o paciente recupera-se e a harmonia familiar é reestabelecida, uma vez que os antepassados estão felizes com os sacrifícios feitos.

São práticas milenares utilizadas pelos Ganguela e que davam resultados positivos no seio da comunidade, mas pensamos nós que com a introdução do cristianismo pelos europeus, estas práticas foram acoladas como práticas não racionais, foram esbatidas e algumas comunidades convertidas ao cristianismo começaram a abandonar as práticas de cultos, de petição aos ancestrais, que passaram a ser consideradas de idolatria, ou então pecado contra Deus.

### **1.5. Modo de Vida ou Organização Social dos Nguangelas**

Na actualidade, houve mudanças significativas nos modos de vida ganguela. Entretanto, o tipo de habitação dos povos das regiões mais afastadas da cidade ainda é a cubata, seja ela cónica, circular ou rectangular. As cubatas, de acordo com o autor, são construídas tendo por base um esqueleto de troncos de árvores fixados ao chão. Depois de os troncos estarem firmes no chão, são preenchidos com barro ou terra amassada, semelhante ao adobe, e capim. Por fim, são recobertos com pequenos paus ou palha. O interior dessas habitações compõe-se por um ou dois compartimentos, que costumam acomodar esteiras, bancos, cadeiras e cabaças de água (Kativa, 2011).

O mesmo autor explica que o casal dorme na cubata com os filhos até seus primeiros anos de vida, depois de crescidos, moram em cubatas separadas. Dorme-se em esteiras e o homem sempre dorme do lado mais próximo da porta, a fim de proteger a cubata em caso de alguma ameaça.

A organização da aldeia baseia-se numa hierarquia piramidal. As comunidades angolanas ainda se reportam aos chamados poderes tradicionais, nomeados por Pacheco (2002) no plural, visto que, pela sua diversidade, não se pode falar de um poder tradicional. Essas autoridades tradicionais são representadas por reconhecidos chefes políticos e religiosos, constituídos por sociedades linhageiras cuja organização social é fundada no parentesco e cujo substrato filosófico-religioso se baseia no culto dos antepassados.

Podemos assim entender que, nas sociedades tradicionais em Angola, em todas as etnias o poder tradicional dirigia a vida política, económica, social e cultural de cada um dos grupos, mas com a colonização, poder tradicional ficou fragilizado e suas instituições foram praticamente ignoradas pelo poder do

Estado, não sendo reconhecidos constitucionalmente. Entretanto, essas autoridades acabaram por se impor, na medida em que, por ausência de outros poderes públicos, elas foram chamadas a desempenhar determinadas funções por delegação da própria administração do Estado. Talvez seja por essa razão que Pacheco (2002) defende que,

há um grande vazio de conhecimentos sobre o que as autoridades tradicionais representam, com questionamentos sobre sua legitimidade, representatividade, títulos, funções, território de jurisdição, autonomia e relações com o Estado (Pacheco, 2002, p. 186).

Pacheco (2002) ensina que as autoridades tradicionais se distribuem em três níveis hierárquicos, traduzidos por regedor (ou soba grande), soba e sekulu, constituindo a referida organização piramidal, apesar de essas denominações não serem unanimemente aceitas, visto que há outras designações, dependendo dos vocábulos utilizados em regiões socioculturais específicas. De toda forma, os regedores ou sobas grandes ocupam o topo da organização tradicional, sendo responsáveis por um território mais amplo, enquanto o soba ocupa-se de um grupo de aldeias e o sekulu é a autoridade de uma aldeia específica, organizando-se hierarquicamente assim.

Pensamos que as relações entre o Estado e o poder tradicional não podem se processar mais de maneira impositiva, como se tais poderes representassem um escalão inferior do poder do Estado, se faz necessário que haja separação entre as áreas de actuação do Estado com as áreas de actuação das autoridades tradicionais, de modo a devolver o poder os reis dentro das suas comunidades.

Kativa (2011) esclarece que, considerando os poderes tradicionais, nas comunidades Ganguelas, ordens, leis, normas e estatutos são propostos pelo soba para os sekulus e os demais membros da comunidade. Para superar dificuldades de convivência e organização, os responsáveis e os mais velhos reúnem-se com o soba para determinar as ordens necessárias para o bom andamento da aldeia. Cabe a esse grupo de responsáveis julgar as violações que porventura surgirem, como adultérios, homicídios, roubos, falta de respeito etc. Dentre os motivos de julgamento, destacam-se os crimes acusados por

feitiço sem o consentimento do soba, já que numa aldeia não pode haver mortes por feitiço sem que o soba autorize, assim como não pode haver feiticeiros que desconsiderem as leis da aldeia.

Kativa (2011) explica que tanto o curandeiro quanto o feiticeiro são pessoas conhecidas do soba e a ele devem obediência. Numa espécie de tribunal, o infractor é julgado publicamente e a sentença é dada na casa do soba ou sob a copa das árvores mulemba ou linongo, símbolos de sabedoria ancestral.

Nas sociedades tradicionais, o rei ou soba, é uma figura respeitada, nele reside a responsabilidade de fazer desenvolver a comunidade, numa ligação com os espíritos ancestrais. Como vemos, os Estados hoje, parecem a colocar os soberanos reis locais, na condição de subordinados e fazem ingerência nos assuntos das mbalas.

Acabamos de abordar na generalidade sobre o tema, o que faz a parte teórica que marca o primeiro capítulo da nossa monografia, passaremos para o segundo capítulo, no qual iremos abordar casos concretos do empossamento do novo muangana na mbala do Kuvango, olhando pelas razões que levaram a referida mbala ter ficado durante muitos anos sem um muangana e as motivações que levaram a introdução do novo muangana no ano de 2021.

**CAPÍTULO II: O MARCO HISTÓRICO DO  
EMPOSSAMENTO DO MUANGANA (REI) NA MBALA  
DO KUVANGO (2021)**



## **CAPÍTULO II: O MARCO HISTÓRICO DO EMPOSSAMENTO DO MUANGANA (REI) NA MBALA DO KUVANGO (2021)**

### **2.1. A Entronização dos Soberanos em Angola**

A questão de entronização do soberano (Muangana) de linhagem, em geral em África e em Angola em particular, e um processo que sempre esteve associado a organização das sociedades humanas. Os homens criaram normas colectivas ou padrões de comportamento que serviram e servem ainda hoje de linha de orientação do colectivo ou do grupo e, para o cumprimento e preservação destas, instituíram um tipo de poder confiado a uma autoridade tradicional soberana, cuja designação varia em função das línguas faladas

numa determinada região, sociedade ou grupo étnico.

No passado colonial, esta autoridade que advém da linhagem foi suplantada, extinta ou remetida ao silêncio e, em sua substituição, foram criadas, no interesse do colonizador, outras *autoridades tradicionais*, estruturadas em *soba*, *regedor*, *seculo* e *milinho*, contra a vontade dos próprios africanos e sem a possibilidade destes contrariar os desígnios que, desde longa data, lhes foram paulatinamente imposto pela administração colonial. Entretanto, com as independências dos estados africanos que começaram a ocorrer sobretudo na década de 1960, salvo raras excepções, a questão da autoridade tradicional de linhagem e da sua entronização, na maioria dos casos, continuou a ser ofuscada pelas novas autoridades políticas e administrativas (Guebe e Pascoal, 2016).

E o território de Angola não foi uma excepção quanto ao tratamento de exclusão que se veio a dar as autoridades tradicionais, no período pós-independência deste país (Guebe e Pascoal, 2016).

Depois da independência, em Angola, não se estabeleceu limites entre as actuações dos reinos locais com o Estado contemporâneo, tendo o último seguindo o modelo de regulamento ocidental, interfere sempre na estrutura hierárquica das ombalas no país, o que dificulta de certa forma o

desenvolvimento das práticas costumeiras que sempre regeram as comunidades.

Por tudo isso, devo dizer que essas interferências podem afectar negativamente o desempenho das autoridades do reino, e, quanto a isso, Goulart afirma que “a cooptação das autoridades tradicionais pelos partidos no poder constitui como um obstáculo ao devido exercício de suas funções e também, ao avanço da democracia em qualquer região” (Goulart, 2012).

Todavia, devemos ressaltar aqui os constantes encontros entre as autoridades no sentido de incentivar a necessidade de separarem o joio do trigo nas suas intervenções, enquanto actores partidários e apartidários ao mesmo tempo. Ressaltamos, também, o facto de existir a observância ou respeito pelos princípios consuetudinários que regem a problemática da sucessão no reino por parte de qualquer governo hoje.

Importa que as influências político-partidárias e outras não interfiram no processo de sucessão nos reinos em Angola e entendo que deve ser a consciência étnica da população, que lhes permite diferenciar os soberanos que, no entender deles, ascenderam à categoria de *muangana unene*, respeitando os princípios emanados pelos costumes locais e não daqueles impostos em defesa de outros interesses.

## **2.2. Acto de Empossamento de um Mwene Nganguela**

Segundo Kambinda (2022), Para o povo Nganguela, a linhagem, familiar é obrigatória em todo sistema de governação tradicional. Porém, está baseado no Direito Costumeiro, porque não se encontra codificado, mas espalhado pelas diferentes comunidades e regiões em função das realidades do terreno<sup>2</sup>. O mesmo acrescenta que na cultura Nganguela, os candidatos à governação são avaliados desde os seus antepassados, porque todo mal ocorrido durante a governação de um Mwene numa geração afecta toda a geração e perdem automaticamente o direito de governar. Por isso, o Nganguela, mesmo sem fontes escritas, conservou pelas fontes orais aquilo que deu origem à biblioteca

---

<sup>2</sup> Conversa com Paulo Ernesto Kambinda, de 38 anos de idade, professor natural do Kuvango

tradicional (Conselho dos mais velhos), permitindo assim, a nova geração governar segundo a cultura<sup>3</sup>.

Ainda Kambinda (2022), acrescenta que em todas as culturas, quando morre um rei, é necessário que alguém da linhagem suceda-o ao cargo para dar continuidade as actividades do sobado e da Mbala, no caso dos Nganguelas, deve se obedecer regras para a sucessão e que obedece os passos seguintes<sup>4</sup>:

1º Apresentação de três candidaturas concorrentes ao poder de sucessão, todas pertencentes à mesma linhagem;

2º Processo eleitoral, escrutínio eleitoral, voto aberto democraticamente feito pelos eleitores presentes no acto;

3º Apresentação do candidato eleito e sua condução ao novo palácio, ao palácio é levado pelos populares que, ao longo do percurso vão dando gritos de alegria pela Victória alcançada;

4º A feitura de uma nova fogueira. É desta fogueira que cada família da aldeia tirar fogo para levar para a sua casa e em cada casa fazer a renovação da sua fogueira (fazer a nova fogueira caseira)<sup>5</sup>.

### **2.3. A Mbala Tyihuaku do Cuvango, seu Percurso Histórico**

Desde sempre os homens foram curiosos em saber a vida dos nossos ancestrais, interrogando porquê deste ou daquele, é através disso que nós podemos indagar como eles viviam, como se alimentavam, quais foram as principais actividades económicas e produtivas, como administravam os órgãos do poder tradicional local, qual é a indumentária que usavam, que simbolizava a cultura deste Reino em relação a outros reino vizinhos, a relação diplomática de um para outro, como resolvia os problemas deles, e como se identificavam.

Segundo Ntyamba (2022), nas migrações os povos que fazem parte de Angola, partiram dos Grandes Lagos à procura de melhores condições de vida, povoando as margens do Rio Zambeze, bosques, Terras férteis para o cultivo,

---

<sup>3</sup> Conversa com Paulo Ernesto Kambinda, de 38 anos de idade, professor natural do Kuvango

<sup>4</sup> Conversa com Paulo Ernesto Kambinda, de 38 anos de idade, professor natural do Kuvango

<sup>5</sup> Conversa com Paulo Ernesto Kambinda, de 38 anos de idade, professor natural do Kuvango

caça e pesca para subsistência; de lá veio o Mwene Ngongo Ya Muhelo e Intumba Tyingulu. Usando como recurso, as fontes orais e escritas, este último feito por homens de boa-fé e preocupado com o futuro das gerações vindouras, salvaguardando a identidade de valor cívicos e culturais da região do Tyihwaku (actualmente Cuvango); esta narra da estirpe da vida e os feitos do herói da resistência anti – colonial (Rei Tyihwaku), da aldeia com seu nome e da restauração do referido reino de forma clara sem obscurecer os factos reais da história desta região, primando no slogan” os fortes fazem história”<sup>6</sup>.

Falando do contexto histórico do povoamento do Kuvango, Kambinda<sup>7</sup> (2022), diz que o povo Angolano, antes de alcançar este Território, ele veio dos grandes Lagos. Iguamente este povo do Kuvango de lá veio, primeiro em direcção ao Leste; Segundo em direcção ao Oeste, à procura de melhores condições de vida, povoando as margens dos rios, bosques com boa verdura, flora com abelhas, fauna abundante e bom clima. Não obstante as odisséias atravessadas, este povo Ganguela organizou-se em Reinos tal como os outros povos de Angola. Os Reinos mais conhecidos e com avanços das forças produtivas, foram: o Reino de Sendje, no Cuchi e o Reino de Katoco, no Kuvango. Todos estes compostos por outros Sub- Reinos importantes de base.

O mesmo acrescenta que no Reino do Katoco surgiu o Grandioso Concelho de Ganguelas, com sede neste lugar em que nos encontramos, actual Vila do Kuvango (região do Mwene Tyihwaku), cujo surgimento obedeceu os seguintes passos: O Nkosi, o Ngunda e a Intumba, são filhos mais conhecidos que o Mwene Ngongo ya Muhelo e Intumba Tyingulo tiveram. Estes formaram o reino do Sendje no Cuchi. O actual reino do Kuvango (Katoco), era um reino que prestava vassalagem ao reino do Sendje e, com o desenvolvimento das forças produtivas o Reino do Kuvango separou-se do Sendje, observando-se assim um desenvolvimento progressivo das culturas, formaram dois reinos: O Reino

---

<sup>6</sup> Conversa com Casimiro Ntyamba, Ancião de 80 anos de idade, natural e residente do Kuvango

<sup>7</sup> Conversa com Inácio Lucas Cambinda, secretário-geral do Reino Tyihwaku, de 34 anos de idade

do Sendje (actualmente município do Cuchi); o Reino de Katoco (actualmente que compreende os municípios do Kuvango, Jamba e Chipindo)<sup>8</sup>.

Fazendo uma descrição da cronologia do reino Tyihwaku, Kambinda (2022), informa que Intumba ya Ngongo, foi levada por um comerciante denominado Brito (que veio a ser pai de João de Brito, chefe de Caconda), e fundou a libata (Lipata) de Canduco (Kantuku). Desta maneira se dispersou a Grande tribo de Katoco, dividindo-se em número considerável de Libatas, tendo cada uma delas à frente de descendente de Ngunda ya Ngongo. Estas libatas são: Tyindandi, Tyipeio, Tyimbundo tya Mayambi, Lituva, Tyitunda, Senga, Kalindi, Tyimbundo tya Vissoni, Cayoco, Ngunda, Kalundungo<sup>9</sup>.

A Intumba Ngongo, com um homem chamado Kapole da tribo Khoisan, teve os filhos: Mayambi, Katoco, Kalumbo e Sunga; a Sunga ya Intumba Ngongo é que teve o Tyihwaku, Kambwandi e a Katwa. A Sunga teve filho com um homem chamado Tyindongo (Mwene Tyindongo tya Limbandi Iya Mutango wa Nguengue), soba do Kapembe, mais quando ela teve este filho, já tinha abandonado a casa do Tyindongo, encontrava – se com um outro homem chamado Ngonga, quer dizer ela já vinha grávida a partir do Mwene Tyindongo e teve esta criança em casa do Ngonga<sup>10</sup>.

O reino Tyihuaku, surge necessariamente quando a soba Sunga já velha, passou o poder da aldeia ao seu filho Tyihuaku, que veio tornar-se o grande líder da resistência colonial na região. Tyihuaku mudou a aldeia para outro sítio, onde hoje se encontra um monumento histórico e uma grande mulemba por ele próprio plantado no seu palácio. O quimbo deixou de ser chamado de Sunga e passou a chamar-se Tyihwaku, nome do próprio soba (Kassanga, 2015).

Apesar da aldeia Tyihwaku ter sido produto da fragmentação da população de Katoko, teve um rápido aumento demográfico, graças à sua situação

---

<sup>8</sup> Conversa com Inácio Lucas Cambinda, secretário-geral do Reino Tyihwaku, de 34 anos de idade

<sup>9</sup> Conversa com Inácio Lucas Cambinda, secretário-geral do Reino Tyihwaku, de 34 anos de idade

<sup>10</sup> Conversa com Inácio Lucas Cambinda, secretário-geral do Reino Tyihwaku, de 34 anos de idade

geográfica na região dos Nganguelas. A localização geográfica foi o factor fundamental para o crescimento substancial da nova aldeia. Vinham vários indivíduos das aldeias vizinhas construir suas casas na aldeia de Tyihwaku (Kassanga, 2015).

## **2.4. Fama de Tyihwaku como grande Líder da Época Pré Colonial**

Para Ndala (2022), “Tyihwaku, nasceu nos anos de 1849 na aldeia Sunga Embala de Katoco e capturado nos anos de 1908 na Embala de Kuando Kativa e levado as Terras de São Tomé e Príncipe que eram terras dos condenados”.

Ancestralmente, sempre houve indivíduos com tendência de invadir as regiões vizinhas, para pilhagem dos seus interesses, mas o Tyihuaku mostrou-se digno defensor da sua região contra os mesmos<sup>11</sup>.

O mesmo acrescenta que Tyinguila e Kawende que eram dois irmãos vindo do Bié considerados como invasores, Lilunga Soba da Embala de Katoco, quando toma conhecimento com desconfiança chama seu irmão Tyihwaku e lhe faz saber a notícia da presença dos invasores no seu Reino, Tyihuaku ao tomar conhecimento, tomou as seguintes medidas como repelir essas forças invasoras<sup>12</sup>:

Tyihuaku disse ao seu irmão que estivesse descansado, que ele iria destruí-los. Tyihuaku parte a localidade onde se encontrava o inimigo, a través da sua magia transformou-se numa espécie de Ave chamada Fago ( Mungomba), pousando num ramo da árvore de baixo da qual se encontrava o acampamento dos invasores, e segundo os contos dizia:

Tyiuti – tyika Muhanga! Tyiuti – tyika Muhanga! O que significa: Qual é o Território que pretende ocupar? A resposta do inimigo foi a seguinte:

Tyiyovo Etyi;Tyiyovo Etyi;Tyiyovo Etyi! O que quer dizer: Isto é milagre (repetindo duas vezes).

Muaseni Tyikupulo! Que significa atirem-lhe uma paulada.

---

<sup>11</sup> Conversa com Luís Alfredo Ndala, Ancião de 66 anos de idade, natural e residente do Kuvango

<sup>12</sup> Conversa com Luís Alfredo Ndala, Ancião de 66 anos de idade, natural e residente do Kuvango

Ao atirarem uma paulada o Fago, ele levanta – se e deixa cair um embrulho de magia, e deste sai um animal chamado Andorinha, que Nganguela significa (Kamuncondo); e para combater ou matar o referido animalzinho com os paus, bateram – se entre eles; pós que quem tentasse bater em qualquer parte do corpo da Andorinha, era no corpo do outro, assim sucessivamente; por fim a andorinha defeca o fogo, o qual provocou incêndio a todo acampamento destes dois líderes invasores, e aflitos gritavam:

Lituvени,Lituvени,Lituvени! O que significa: Dispersem-se. Depois da dispersão do inimigo, terminou a missão do Tyihwaku, e regressou ao seu primo irmão Lilunga informando lhe o cumprimento vitorioso da missão cumprida<sup>13</sup>.

## **2.5. Época Colonial (na presença do Pioneiro e Missionário)**

Kambinda (2022), defende que em 1884, Padre Ernesto Leconte vindo das Terras de Cassinga entrou no Reino de Katoco, cuja sede era Embala do Lilunga (Imbandja ya Katoco). Depois dos seus contactos com as autoridades tradicionais da região, Ernesto Leconte pede ao Mwene Lilunga um sítio para a edificação da Missão. O Soba Lilunga quando se apercebe que as palavras do Padre eram de os conduzir a um caminho da salvação divina aceita o pedido e indicou alguns jovens que foram mostrar ao Padre o Terreno da sua jurisdição. Os jovens levaram o Padre até aos limites com aldeia de Tyihungo, Terra do (Mwene Tyihwaya) Soba Tyihwaya e a partir do Tyitsiki (Riacho que fica próximo da aldeia da Katala)<sup>14</sup>.

O mesmo acrescenta que Ernesto Leconte, a partir daquele rio, procura o sítio do seu agrado para a edificação da Missão e só o consegue na confluente dos Riachos Utombe e Tyimpemba à leste da aldeia do Mwene Tyihwaku. Ernesto Leconte, vai à Embala do Soba Lilunga e dá a conhecer ao seu amigo Lilunga, e edifica ai a Missão, com o nome de Katoco, assim “ Missão de Katoco”<sup>15</sup>. O Padre Ernesto Leconte desenvolve as suas actividades missionárias; Foram produzidos muitos livros da Igreja com nome de Katoco nas capas, e muitos

---

<sup>13</sup> Conversa com Luís Alfredo Ndala, Ancião de 66 anos de idade, natural e residente do Kuvango

<sup>14</sup> Conversa com Inácio Lucas Cambinda, secretário-geral do Reino Tyihwaku, de 34 anos de idade

<sup>15</sup> Conversa com Inácio Lucas Cambinda, secretário-geral do Reino Tyihwaku, de 34 anos de idade

livros da tradição local; para o ensino, a destacar um livro chamado “Conversação”; este era como um Dicionário, isto é, a tradução do Português em Nganguela. Tanto na tradição, isto é, cerimónias culturais a circuncisão (Vundada na parte masculina e Vungolo na parte feminina) quando atinge a fase da puberdade.

Como tradução, tudo foi à colaboração de homens e mulheres nas aldeias de Katoco e Tyihwaku. Também foi o Reino do Katoco que gerou o primeiro Padre negro do Sul de Angola: Padre António Abel Mayambi, cuja ordenação Sacerdotal aconteceu em 1933; e este Padre nasceu na aldeia vizinha do Katoco chamada Senga. E esse Padre negro foi da linhagem do Rei Tyihwaku. De recordar que foi o Padre Leconte quem baptizou o Rei Tyihwaku com o nome de Luís Tyihwaku<sup>16</sup>.

## **2.6. Contradições entre Tyihwaku e Pe. Ernesto Leconte**

Segundo Kambinda (2022), devido a fama do poder do Mwene Tyihwaku na região, os três líderes das Embalas vizinhas, nomeadamente Mwene Lilunga do Katoco, e Mwene Kativa Kangombe do Kuando incluindo o Mwene Nunda anciãos pertencentes à aldeia vizinhas do Tyihwaku cheios de ódios procuram as melhores formas que os ajudasse a reduzir a fama do poder do Tyihwaku. Aproveitaram a presença do Padre na Região e porque eles sabiam muito bem que se Tyihwaku tocasse ao Padre criaria conflito e o poder dele seria destruído pelo Governo Português, Num certo ano agrícola, pouco ou nada choveu e como tal houve estiagem na região do Reino. Assim, criaram a confusão acusando o Padre Leconte era de ser o causador da seca, com o objectivo de fazer revoltar o povo de Tyihwaku contra o Padre. Os três odiosos estudaram quem seria o provocador do Tyihwaku e para lhe induzir no erro; foi indicado o seu Primo Lilunga para desempenhar essa função<sup>17</sup>.

---

<sup>16</sup> Conversa com Inácio Lucas Cambinda, secretário-geral do Reino Tyihwaku, de 34 anos de idade

<sup>17</sup> Conversa com Inácio Lucas Cambinda, secretário-geral do Reino Tyihwaku, de 34 anos de idade



## **1º Convite**

Um dia, o Lilunga convida o seu Primo Tyihwaku para ir à Embala do Katoco, quando tyihwaku chega encontra o seu irmão Lilunga com bebida típica kapata (Vuala). Depois de consumir esta bebida típica todos eles ébrios, o Lilunga faz perguntas abusivas e insultuosas ao seu primo Mwene Tyihwaku: -Gostaste da kapata? O Mwene Tyihwaku respondeu, sim gostei. E porque é que guardas aquele não circuncisado (Tyihucuma em Nganguela). \_Tu não sabes que ele é que esta impedir a chuva pondo as nossas populações na desgraça da fome através desta estiagem? O Lilunga disse sempre ao Mwene Tyihwaku insistindo que tu sabes muito bem que ele abriu valas de irrigação e que os seus rapazes não passarão fome e só a nossa população é que morrerá a fome. O que terás de fazer, tomar lhe as seguintes medidas: Correr com ele ou o matar. Depois de tantas discussões, com o seu primo Tyihwaku, Lilunga o convenceu com as suas ideias destrutivas e na verdade Tyihwaku obedeceu e cumpriu a missão dada.

Tyihwaku, quando chegou às proximidades da missão começou praticar ofensas morais ao Padre Ernesto Leconte. Com essas atitudes do Tyihwaku, o Padre ficou admirado das palavras que saiam da boca do Mwene Tyihwaku; porque eram amigos íntimos. No dia seguinte Padre Ernesto Leconte madrugou e foi ao encontro do seu amigo Tyihwaku, perguntando o porquê é que no dia anterior se comportou daquela maneira!..

Mwene Tyihwaku, envergonhado aceita a crítica do seu amigo Leconte e pagou um porco como multa. Depois da reconciliação continuaram a conviver com seu amigo.

## **2º Convite**

Quando o Lilunga apercebeu-se de que a amizade deles sempre continuava, os três odiosos apertaram mais a magia no impedimento da chuva, e a estiagem continuava. Lilunga arranja sempre novas formas de convidá-lo e persuadi-lo, para que Tyihwaku e o Padre Leconte entrassem num ambiente de divergência. De novo o Soba Lilunga, manda confeccionar outra vez a bebida típica Kapata, e repetindo a conversa anterior, sempre com tendência de

desunir os dois amigos Tyihwaku e Leconte; pergunta. Afinal de contas a vossa amizade ainda continua? Tyihwaku responde que sim!

Não o expulsaste ou não o mataste porquê? Então significa dizer que estás contente com sofrimento do nosso povo que continua na miséria. Tyihwaku convencido com as ideias do primo parte da aldeia de Katoco e passa num caminho próximo da Missão e gritando: Leconte estás aí? Estás a me ouvir? O Padre respondeu sorridentemente estou aqui!..Tyihwaku inconsciente por causa da bebedeira começou a ofender moralmente ao Padre. Assim, logo que chega ao seu Palácio real ordenou um grupo de jovens, ir capturar o Padre Leconte. Depois desses jovens cumprirem com a missão, o Padre esteve detido no interior do Palácio subcontrolo da corte real.

Na madrugada do dia seguinte, Tyihwaku recuperado da bebedeira, depara com uma coisa estranha no palácio, era a presença do Padre Ernesto Leconte! Tyihwaku admirado com a presença do Padre no interior do seu Palácio! Procura saber o porque é da presença do Padre? O Chefe da guarnição explica que foi raptado por causa da estiagem que se vive na região e com a intenção de executá-lo nesta madrugada. É quando o Kapitango Mwene Nunda puxa pelas barbas com a intenção de o degolar o Padre, mas Tyihwaku negou.

Tyihwaku assustado na qualidade do Padre ser o seu padrinho do baptismo e grande amigo, ao mesmo tempo procura maneira de libertá-lo. Tyihwaku usou da seguinte simulação: Disse aos executores da morte que se retirassem temporariamente do recinto do palácio, porque uma das suas mulheres encontrava-se com as cólicas, e em tais condições, não se podia executar o Leconte sem primeiramente retirar do Palácio a sua Esposa naquele estado; e depois, aproveitando da ausência dos executores, Tyihwaku envolveu-o com uma manta (Nhime),e fê-lo sair. Posto na Missão pelas 17 horas depois de um dia de agonia, o Leconte teve de seguir imediatamente para a Missão de Cassinga, e deixando o seguinte recado ao Tyihwaku dizendo: Tyihwaku, neste momento vou triste e tu ficas alegre, mas no meu regresso, eu ficarei contente

e tu ficarás triste. Depois da retirada do Padre, o Mwene Tyihwaku incendiou a Missão e a Forte Princesa Amélia<sup>18</sup>.

### **1ª Batalha depois do retorno do Padre**

Da Cruz (2022), depois de algum tempo, o Padre vem com o exército colonial liderado por alguns Comandantes não identificado por falta de fontes escritas para atacar a Região do Tyihwaku actualmente (Kuvango). Eis que o exército colonial foi desbaratado pelas forças do Mwene Tyihwaku, e perseguidos até ao rio Tyipía a cinco quilómetros ao norte da Sede Comunal de Cassinga-Tyamutete. Essa batalha passou-se na travessia denominada (Mwava wa Mwene Tyihwaku ou Mwava-wa-Matemba) o que significa é onde passavam as tropas coloniais com as suas Carroças<sup>19</sup>.

### **2ª Batalha**

O mesmo autor acrescenta que a Vitória da 1ª batalha da travessia Mwene Tyihwaku, foi um Golpe fatal que forçou a retirada de todos Portugueses então existente na Região do Tyihwaku (Kuvango), incluindo o Missionário Rei Conte que foi o último a retirar-se do Território.

O Padre Leconte partiu, pouco depois para Lisboa uma Conferência de Imprensa nas Sociedades Geografia de Lisboa da qual ele era membro. Nessa conferência, ele relatou aos presentes tudo quanto lhe tinha ocorrido, nomeadamente a Luciano Cordeiro, Ferreira do Amaral e Ressano Garcia que representavam o Governo Português no acto. O Governo Central Português ordenou então ao Governador-Geral de Angola Brito Capelo, que se deslocasse à Humpata com objectivo de confiar ao Artur de Paiva a missão de ir submeter militarmente a região subversiva do Kuvango<sup>20</sup>.

A expedição chefiada por Artur de Paiva largou da Humpata a 19 de Agosto de 1889, composta por 250 homens 18 carros de bois (Carroças) cavalos, e outros, que se juntaram pela caminhada.

---

<sup>18</sup> Conversa com Inácio Lucas Cambinda, secretário-geral do Reino Tyihwaku, de 34 anos de idade

<sup>19</sup> Conversa com Mário da Cruz, de 48 anos de idade, natural e residente do Kuvango

<sup>20</sup> Conversa com Mário da Cruz, de 48 anos de idade, natural e residente do Kuvango

Para desfazer as manobras do Mwene Tyihwaku, trouxeram uma mulher Mucubal e o Soba Kassinga, ambos mágicos. Este último foi filho do soba Mbandze. Mwene Mbandze teve dois filhos e são: Ngunda e Kassinga; estes são da linhagem de Indungo, Kassinga, Kavandze, etc. Passaram pelo Quipungo e Dongo onde a expedição foi reforçada. Quando chegaram à região do Mwene Tyihwaku actualmente (Kuvango), Artur de Paiva e a suas tropas acamparam na margem direita do rio à vista da fortaleza que anos antes havia sido incendiada. Mwene Tyihwaku com as suas tropas bem munidas de material que, semanas antes tinham comprado em Caconda a comerciantes Portugêses.

Antes do início da batalha de combate, o Padre Leconte recordou-se do bem que o Tyihwaku lhe tinha feito, envia um emissário à Tyihwaku dizendo: Tyihwaku, tenho pena de destruir a tua aldeia porque tu és grande meu amigo, por isso peço-te que envies aqui no acampamento um boi para nós matarmos para cada tropa comer um naco em sinal de reconciliação. Tyihwaku quando recebeu o recado do seu amigo Padre, como sozinho não podia resolver nada, pediu aos seus conselheiros, Mwene Nunda e Mwene Lilunga que repudiaram o pedido do Padre; dizendo ao Tyihwaku; se tu aceitares entregar o Boi, serás chamado de Kahwaku; deixa abrir o fogo nos responderemos. Afinal foi uma traição, para o Tyihwaku ser derrotado pelos inimigos. A batalha iniciou no dia seguinte das seis horas da manhã, quando um soldado do Mwene Tyihwaku gritou no meio do rio dizendo: Nenhum dos soldados portugueses podia atravessar<sup>21</sup>.

Bartolomeu Kambinda (2022), defende que para neutralizar o poder mágico do Mwene Tyihwaku, o Mwene Kassinga mágico recrutado pelo Padre Leconte colocou um produto mágico na bomba do Canhão, como experiencia piloto, mas infelizmente a bomba não detonou; daí retoma a actividades mágica da mulher Mucubal sentada toda ela nua virada à margem onde se encontrava posicionada as tropas do Tyihwaku, com Balaio nas mãos; o primeiro fogo que a tropa do Tyihwaku abre as balas caia no Balaio. O soldado foi abatido pela tropa português e a batalha começou. Era a 2ª batalha contra o Mwene

---

<sup>21</sup> Conversa com Bartolomeu Kambinda, de 49 anos de idade natural e residente do Kuvango

Tyihwaku em que mais uma vez, os indígenas demonstraram uma heróica resistência anticolonial. Foram duros os combates travados, durante alguns dias, com perdas de muitas vidas de ambos lados.

Apesar dessa grande resistência em combate, as tropas do Rei Mwene Tyihwaku por falta de material diante de intenso tiroteio do inimigo equipados com armas modernas e dotados de técnicas combativas mais avançadas, começaram a perder o campo de batalha. As tropas indígenas enfraquecidas por falta de material viram-se forçados e apenas lutaram na defensiva, enquanto as tropas invasoras tinham o domínio do combate na ofensiva, realizando manobras para neutralizar a capacidade combativa das tropas do Rei Tyihwaku. É assim que as tropas do Rei foram vencidas e colocaram-se em debandada. Assim as tropas do Rei Tyihwaku saíram dispersas. As tropas do Artur de Paiva atravessou o rio Kuvango a vão, saindo da margem direita onde estavam estacionados para a esquerda avançaram em direcção da Aldeia do Rei Tyihwaku, onde desencadearam ataques muito violentos contra populações do Quimbo, provocando mortes de muitas pessoas inocentes<sup>22</sup>.

Derrotadas em campo de batalha as tropas do Rei fugiram em debandada. Artur de Paiva com suas tropas entrou na aldeia e foi directamente para o Palácio de Tyihwaku afim de proceder a sua captura. Infelizmente não o encontraram, porque se tinha refugiado em localidades incertas, o que adiou a sua detenção. A aldeia foi completamente incendiada pelas tropas invasoras, capturaram o seu filho de nome (Lilu) Ndala Tyihwaku e ficou cativo nas mãos dos invasores como refém. E a população não teve outra alternativa senão refugiar-se para aldeias vizinhas em busca de segurança. A 2ª batalha do Rei Tyihwaku terminou com a vitória do exército invasor das tropas coloniais, visto que o mesmo trazia armamento mais sofisticado em relação ao armamento que estava a importar-se das tropas indígenas de Tyihwaku que pelas inferioridades bélica, Rei Tyihwaku acabou por ser derrotado, junto do seu grupo combatente<sup>23</sup>.

---

<sup>22</sup> Conversa com Bartolomeu Kambinda, de 49 anos de idade natural e residente do Kuvango

<sup>23</sup> Conversa com Bartolomeu Kambinda, de 49 anos de idade natural e residente do Kuvango

## 2.7. Causas e Consequências da Derrota do Tyihwaku

De entre outras, apontam-se as seguintes causas da derrota do Rei Tyihwaku e das suas tropas:

1º A falta da união dos Sobas da região, Tyihwaku lutou sozinho, dispondo apenas de combatentes da sua aldeia, em número insuficiente face ao adversário;

2º O fraco nível de tecnologia em combate, pois que as tropas do Tyihwaku não tinham preparação combativa para enfrentar um exército bem treinado e equipados com diferentes tipos de armamento e de grande alcance.

3º A insuficiência de armamentos para fazer face ao poderio militar do inimigo, Pois o pouco arsenal militar e armamento que as tropas de Tyihwaku possuíam havia sido comprado anteriormente aos comerciantes de Caconda<sup>24</sup>.

4º A ausência de coesão no seio de combatentes (durante os confrontos) porquanto lhe faltou o vínculo combativo no seio de militares. Assim, o inimigo aproveitou-se da desorganização das tropas de Tyihwaku e foi somando vitórias.

A segunda batalha da travessia contra Mwene Tyihwaku foi uma batalha decisiva, visto que o destino da região do Tyihwaku actualmente Kuvango dependia do resultado dela.

O governo Central de Portugal havia orientado ao Governador-Geral de Angola para confiar a Artur de Paiva o encargo de submeter a região sublevada. Para cumprir a ordem dada, o Capitão organizou a expedição militar na Humpata a 19 de Agosto de 1889, que marchou para o Kuvango para reprimir a região dos Nganguelas. A guerra entre as tropas do Tyihwaku e de Artur de Paiva foi no dia 28 de Agosto de 1889. Derrotada a resistência anticolonial, Artur de Paiva reconstruiu o Forte Amélia no mesmo local e criou a Capitania Môr dos Nganguelas, Mbuelas para manter as populações nativas submissas à sombra da Bandeira Portuguesa.

Tinha assim começado a ocupação efectiva da região dos Nganguelas e Mbuelas por Portugal tendo como consequência as seguintes:

---

<sup>24</sup> Conversa com Inácio Lucas Cambinda, secretário-geral do Reino Tyihwaku, de 34 anos de idade

1º- Dispersão forçada dos habitantes da aldeia de Tyihwaku que deixaram os seus haveres e abandonaram os corpos dos ente-queridos tombados no campo da batalha.

2º- Fortalecimento do poder político dos Europeus em detrimento do poder Tradicional na região do Tyihwaku ( Kuvango) .

3º- Implantação de primeiros núcleos de colonização europeia com o reforço de povoamento europeu na região conquistada e a sua gradual expansão para outras localidades;

4º- Priorização dos interesses dos portugueses em detrimento dos interesses dos antigos habitantes da região.

## **2.8. Fuga e Captura do Rei Tyihwaku**

Segunda Freitas (2022), o líder da resistência anticolonial no Kuvango, derrotado na segunda batalha, em gesto de fuga, retirou-se misteriosamente do Palácio, e partiu para as terras do actual município do Cuchi província do Cuando-Cubango a procura de refúgio seguro. No percurso, Tyihwaku teve excelente apoio por parte de gente das terras por onde passou, que o acarinharam sempre perseguido por Artur de Paiva que tinha como objectivo o capturar. Mas não foi fácil a captura do Tyihwaku, segundo contos populares da região, porque ele era detentor da magia negra, isto é, transformava-se em diversos tipos de animais, aves, obstáculos inertes, enfim em alguns fenómenos misteriosos sempre que pressentisse a aproximação dos seus inimigos. Foram essas transformações mágicas que segundo a lenda favoreceram a demora da sua captura. Várias buscas foram feitas, mais em vão, porque Tyihwaku tornava-se invisível; Assim o Capitão Português utilizou as seguintes estratégias:<sup>25</sup>

Orientou que fossem incendiadas todas as casas de aldeia que eram suspeitas de ser esconderijo de Tyihwaku matando quando fosse necessário e semeando o terror nas referidas aldeias. Foi uma grande tragédia com as populações afectadas, mergulhadas no pânico que provocou a desagregação total das famílias e suas fugas para outras localidades procurando locais mais seguros.

Lançou uma campanha de mobilização intensa e psicossocial a nível de todos os soldados da região do Cuchi e Kuvango, no sentido de obrigar as

---

<sup>25</sup> Conversa com Carlos Freitas, de 61 anos de idade, pertencente ao reino Tyihwaku

populações de cada área a denunciar o paradeiro e esconderijo do Tyihwaku, premiando os autores<sup>26</sup>.

O mesmo acrescenta que, inseguro nas terras de Cuchi, Tyihwaku decidiu abandonar e dirigiu-se para as áreas do norte do Município do Kuvango, cujos sobados, na sua maioria, já haviam recebido ordem de denúncia e sua captura, com a promessa de valiosas recompensa por parte do Governo Português. As promessas do oficial militar português surtiram efeitos positivos na medida em que dois dos seus soldados do norte que distavam cerca de 70km da Sede do Kuvango traiçoeiramente prenderam finalmente o Grande herói da resistência dos Ganguelas, que a história jamais esquecerá<sup>27</sup>.

Tyihwaku, foi preso no sobado de Kuando-Kativa, cujo soba era Bandua em estreita colaboração com o outro soba vizinho que era o Liambezi. Foi este último que enviou a notícia da captura a Artur de Paiva, através de dois mensageiros.

Para conseguir apanhar o Tyihwaku, foi necessário desfazer em primeiro lugar a magia negra que ele tinha, o soba de Cassinga, prontificou-se cumprir essa missão de ir ao quimbandeiro de nome Ndjukuma onde Tyihwaku tinha ido buscar a magia com que trabalhava. Kassinga (linhagem Mbandje) trás um produto mágico e entrega- o à esposa do Tyihwaku que chamou-se de Kavuto Kambandua, instruída pelo soba Kassinga para ela introduzir o produto na alimentação do Tyihwaku. Depois de ter provado nessa comida toda magia desfez-se. Passadas algumas horas, Kassinga anunciou aos Portugueses que naquele momento já era possível apanhar Tyihwaku. Assim partiram os Portugueses o apanharam-no. O ilustre prisioneiro com as mãos barbaramente amarradas foi então mandado buscar sendo escoltado por homens armados dando entrada no Forte Princesa Amélia com insígnia da realeza.

Com a captura do Tyihwaku alterou-se profundamente o quadro político administrativo da região.

Politicamente o poder tradicionais ficou submisso ao poder europeu, isto é, os sobas passaram a receber ordens coloniais. Em termos administrativos, a região passou a ser controlada pelas autoridades administrativas europeias,

---

<sup>26</sup> Conversa com Carlos Freitas, de 61 anos de idade, pertencente ao reino Tyihwaku

<sup>27</sup> Conversa com Carlos Freitas, de 61 anos de idade, pertencente ao reino Tyihwaku



por alguns chefes militares em comissão de Serviço e finalmente por alguns missionários europeus que exerciam as actividades religiosas na região. Em suma, a captura do Tyihwaku significou o término do período pré-colonial e o início da época colonial nas Terras dos Ganguelas no Kuvango e dos Mbuelas, no Cuando Cubango.

Uma vez preso, Tyihwaku foi deportado pelas autoridades Portuguesas para Ilhas de São-tomé e Príncipe. Um ano mais tarde, as autoridades Portuguesas procederam à captura do seu Irmão mais novo de nome Kambwandi também deportado para a França.

## **2.9. Reconhecimento Histórico do Rei Tyihwaku**

O rei Tyihwaku é justamente considerado um grande herói e chefe da resistência anticolonial na região do actual Reino do Kuvango.

Foi o único que, sem medo organizou as suas tropas para travar a todo o custo a ocupação e a dominação europeia no seu território. Os demais sobados da região aterrorizados pelas tropas e pelo armamento que Artur de Paiva transportavam consigo na sua expedição em 1886, não se atreveram em fazer coligações para combater o inimigo comum (invasor europeu).

Em todos os combates, ao lado do Tyihwaku não houve nenhum outro sobado da região. Faltou solidariedade no seio dos Sobas, faltou uma união entre eles, em suma, faltou a coesão regional. Lutou sozinho e apenas com gentes da sua aldeia com pouco domínio de preparação combativa ou táctica de combate, para além da insuficiência de material bélico modernizado. Quer na 1ª, assim como na 2ª batalha, Tyihwaku foi um líder ímpar e um combatente implacável na luta anticolonial.

Como autoridade Tradicional, foi ele quem fundou a aldeia a que deu o seu próprio nome de Tyihwaku que se subordinou temporariamente a aldeia grande. A embala de Katoco, cujo soba era o seu primo o Mwene Lilunga. Graças ao seu talento e a situação geográfica privilegiada onde se localizava a aldeia de Tyihwaku, foi rápido o seu crescimento demográfico e em pouco tempo já competia com a Embala Grande de Katoco.

Não é em vão o seu enquadramento na visão política o heroísmo de Tyihwaku na história nacional a par de outros líderes angolanos que no passado período

pré-colonial combateram a penetração europeia nos territórios das suas jurisdições.

Tyihwaku ao defender o Território do Kuvango, defendeu uma parcela do território de Angola, logo sem quaisquer equívocos ele defendeu Angola. Por isso, ele deve ser considerado e classificado como um herói de Angola. Um mérito dignamente conquistado na história de Angola.

## **2.10. A Deportação de Tyihwaku e a Cronologia da Sucessão**

Depois da deportação do Rei Tyihwaku, foi necessário unir o povo do Tyihwaku disperso pela guerra e foi indicado o seu filho de nome Tyipandeka para reiniciar com a vida na aldeia do Tyihwaku, este não aceitou por causa do medo do colono. O seu irmão de nome Lilu, também não aceitou porque este, enquanto decorriam as buscas para apanhar seu pai o Rei Tyihwaku, ele tinha sido refém, quer dizer, esteve detido até que apareceu o pai já capturado. Quem aceitou este lugar foi o sobrinho do Tyihwaku, filho da sua Irmã Katwa de nome Lituva Lya Katwa. Este coloca a aldeia entre o Riacho Kavamba e mwava wa Tyipungo. Só para reunir o povo do Tyihwaku deu muito trabalho. Depois do Reinado do Mwene Lituva, o Tyipandeka, filho do Tyihwaku aquele que com medo tinha rejeitado antes o poder e, aceita, muda a aldeia do Tyihwaku para Vunuandumba (Quando sai da vila em direcção a Katoco, aquele riacho que desce com a estrada ao lado direita e desagua no Tyivimba junto da estrada, além dele aparece a lunda do Mwene Tyipandeka. Este para se prevenir das guerras que os do Humbi faziam contra outros reinos foi convidar um quimbandeiro de nome Mankandia vindo do outro lado do Kutato nas áreas do Cuchi, a chegada do Mankandia no Tyihwaku coincide com a pastoral na aldeia.

Mankandia acampou na nascente da mulola que acompanha a estrada no outro lado do Tyivimba. Quando o Padre chega o povo deu a informação a constar que o Soba convidará um quimbandeiro para lhe dar o feitiço, com isso, o Padre manda amarrar o Quimbandeiro, para o dia seguinte o Padre ir conversar com ele. No dia seguinte, isto é, depois da missa, o Padre chegou lá, encontrou sinais de amarraduras e o Mankandia foi se embora, foi assim que o poder do Tyipandeka acaba por motivo de convidar o quimbandeiro.

Assim sobe no poder o Lilu (filho do rei Tyihwaku) aquele que tinha medo por ter sido refém durante a busca do pai pelas tropas Portuguesas, este por sua vez muda a aldeia Tyihwaku para o Tambula na foz do Tyivimba e depois deste poder do Mwene Lilu, agora vai receber uma mulher a Mwene Mpande ya Kambwandi, esta entra no poder e muda a aldeia para a margem oposta da foz do Mapamba e, deste reinado a Mwene Mpande entrega o poder na outra Mulher. Foi a vez da Mwene Nduva ya Tyihwaku e Mukwetunga Ndwandwa assumiu o poder. Naquela altura os Terrenos estavam divididos da seguinte; Do Rio Tyitsiki até a foz do Kutato, terreno da Intumba Ngongo e do Mbeli a Tyissamba era o Terreno do Kapembe. Em 1914 houve pragas de gafanhotos que provocavam danos as culturas da região, que o ano seguinte provocou a fome, isto é, 1915, que obrigou a população atravessar o rio de Canoa a procura de subsistência (que era o mel), ao atravessarem constantemente o rio os Crocodilos davam cabo a muita gente da aldeia do Tyihwaku, e através deste fenómeno que obrigou a Mwene Nduva decidir transladar a aldeia de Tyihwaku a margem direita do rio Kuvango.

Depois deste, o Mwene Lilu Lya Tyihwaku volta a assumir o poder e faz atravessar o vilambalamba e fixa aí a aldeia do Tyihwaku com o nome de Vyambanda. Agora o Mwene Lilu vai entregar o poder ao seu filho Mwene Liambula Lya Lilu. Este por sua vez muda a aldeia do Tyihwaku para o Likundo. E por sua vez entrega para o mwene Kangundu e, este não mudou a aldeia permaneceu no sítio onde o Mwene Lyambula construiu e entra o outro, o mwene Ntyamba Katumbo (o Tumbula). Este é muda a aldeia para o outro lado do Likundo e Tyeleka, isto já nos anos 1940. Depois deste entra o Mwene Lisumbi (Tyindandi) filho da Mpande ya Kambwandi.

O Mwene Lisumbi como tinha uma consciência já civilizada não aceitou permanecer lá nas matas com o povo do Tyihwaku e muda a aldeia para junto da estrada que vai para Cassinga no Kavwe sub afluente do Tyissamba, isto é, em 1943. Ali este povo viveu muito tempo é ali onde o colono oprime o povo do Tyihwaku com alguns trabalhos tais como: a pesca de peixe grosso para abastecer o Administrador, Secretário, médicos e tantos outros; Este trabalho era gratuito e se o peixe faltasse um dia o Soba era chamado pelo Administrador e recebia surra com palmatória e chicote metendo-o na cadeia

até quando os pescadores apresentassem o peixe e este trabalho era só e somente com o povo do Tyihwaku.

Depois deste, entra o Mwene Tyivalo filho do mwene Lilu Iya Tyihwaku e este morre mesmo no poder, mas não pela velhice e sucede o outro de nome Tyivalo filho do Livamba Iya Tyihwaku, este foi ao túmulo do outro tirou a caneca, o cinto que tinham posto em cima trouxe para o Liyemba. Quando o povo descobre, foi imediatamente expulso do poder. Assim, entra o Mwene Tyikomba filho do Mwene Mbumbula ya Tyihwaku, este poder foi quase de (9) nove meses e saiu. Deste, os mas velho pensaram de em buscar a Mwene Viwangu ou Kambisa filha de Kawisa ka Lituva e depois deste entra o mwene Kalenga, filho do Mpande ya Kambwandi.

Após este, entra no poder o Mwene Lilunga filho de Ingano ya Tyipandeka, este por sua vez não fez um ano de sobado, indicam Mwene Liandamo filho do Mututa wa Tyissuali, com esta eleição, o povo da aldeia ficou insatisfeito com o Mwene Liandamo, prometeram fazer regressar a aldeia para Likundo, construíram lá Lyemba casa do Soba), abriram uma picada ligando à estrada até o Liyemba no percurso quase de 7km da estrada, enquanto o povo se dispersava cada grupinho para o seu lado, afinal era manobra política, o povo não gostavam dele; Ele viveu ali abandonado desde 1966 à 1968; Até quando os autores daquelas manobras conseguiram outro Soba. O povo foi obrigado a regressar novamente para o Kavwe e desta vez o soba indicado foi o Mwene Imbule filho do Kupandeka, e este já não é da linhagem da Intumba Ngongo. Este foi o ano das aglomerações das populações ao longo das estradas, não só do Tyihwaku mais todas populações (Zindandanda).

O norte já estava quente com a guerra, também não se fez muito tempo. O mwene Imbule muda a aldeia para o Likundu e depois do Mbule entra o Mwene Litumbu, filho de Tyikomba tya Mbumbula, este não demorou, abandona o poder e entra Mwene Mualela, filho de Mpande ya Kambwandi, este trabalhou até o fim do colonialismo, quer dizer foi último Soba do colono em 1975.

Houve alguns tempos em que o poder esteve nas mãos dos políticos, pois eles não aceitavam o poder tradicional; Eram Coordenador dos Partidos e seus Secretários.

## **2.11. Após o Colonialismo**

O poder tradicional começou mais tarde, e inicia com o Mwene Ndala Mututa aquele que tinha sido abandonado no Liyemba lá no Likundu nos anos 1966 à 1968, é que entra no poder, consideramo-lo como o primeiro Soba do Tyihwaku depois do colono. Com a Guerra houve deslocações das populações procurando lugares seguros, com destaque ao município da Jamba Mineira e indicam outro soba, desta vez é Mwene Tyipala Tya Mutango Liyambula. Na consequência da guerra Civil em 1993, o povo dividiu-se em dois grupos, uns que deslocaram-se para o município da Jamba Mineira e outros ficaram na aldeia Tyihwaku no Município do Kuvango, os que iam a Jamba indicam Ntyamba Kupandekacomo soba.

A quando da recua duma parte da população da aldeia Tyihwaku, o mwene Tyipala (João Ndala) ficou com o resto da população da aldeia.

Em 2005, cessa o mandato o Soba Tyipandeka e recebe o poder o Mwene Agostinho Kambinda (Tyinduva), coadjuvado pelo Soba Luís Kassanga Kakumbi. Em 2011 depois do Mwene Tyinduva morre, sucede o mwene Alfredo Ntyamba “Kalenga”, tendo como o seu adjunto Mwene Altino Ndala. Com o conflito de papéis que mwene Alfredo deve, o povo da aldeia indica o seu sucessor o mwene Gabriel Ntyamba (Mutuli) como soba da aldeia, isto é, em 2015. Depois deste rei, o reinado Tyiwaku ficou órfão de rei, que viria a ser restaurado num processo iniciado em 2019 e concluído somente em 2021, com a entronização do novo soberano que ficou conhecido por Rei Tyiwaku II, como veremos abaixo.

## **2.12. Restauração do Reino do Kuvango e Intronização do Rei Tyihwaku II**

“A vida é feita de imitação e, a verdade de cá é o erro de lá (Adágio popular).”

Tudo começou por debate académico e amigável, olhando pela experiência de algumas províncias e município de Angola que já restauraram os seus reinos e ver os nossos hábitos, valores culturais a se quebrar, vandalizado e colonizado pelos próprio Angolanos globalizados nesta Nação independente desde 1975 até a data presente, livre da escravidão cultural, urge a necessidade de recuperar autoridade tradicionais que havia sido perdida devido ao jugo colonial

Português, isto é, a 137 anos que passaram desde 1908 data em que o herói da resistência anticolonial Rei Tyihwaku foi levado pelo Militar Artur de Paiva a São Tomé e Príncipe.

Neste quesito, os descendentes da Katua ka Sunga, Tyihwaku tya Sunga e Kambuandi ka Sunga, observando e analisando a organização de outros Reinos a sua volta, que já têm reis, são esforçado a tirar o avó deles TYihwaku do saco para a transparência, para o efeito elaborou um programa que ia-se trabalhar cumprindo algumas etapas:

### **PROGRAMA DE TRABALHO**

1ª etapa: Dia 23 de Março de 2019

a) Organização da História do Rei Tyihwaku

#### Participantes

- Netos da Katua ka Sunga
- Netos de Tyihwaku tya Sunga
- Netos de Kambuandi ka Sunga
- E alguns convidados

2ª etapa

- a) Reconciliação do Reino
- b) Apresentação dos candidatos a Rei
- c) Investidura do Rei

#### **Convidados**

Tyitunda, Katoco, Tyimbundo tya Mayambi, Tyimbundo tya Vissoni, Lituva, Kapembe, Liapeca e Senga.

3ª Etapa

- a) Organização da História do Reino do Kuvango
- b) Localização da estátua do Rei Tyihwaku

Convidado especial, Vossa Majestade Carlos Kangandzi, Rei do Cuchi, Mukuva V.

A 27 de Fevereiro de 2019, traçou-se este programa que veio a ser cumprido no decorrer do processo, executado por membros de uma comissão constituída para o efeito sendo: Daniel Ndala, Coordenador, Júlio Kambinda, coordenador adjunto, Inácio Lucas Kambinda, Secretário, Mário da Cruz, Miguel Ndala e Bartolomeu Kambinda inicialmente, tendo sofrido acréscimo posteriormente

No dia 6 de Maio de 2019, foi apresentado o programa no Cuchi no Rei Carlos Kangandzi, Mukuva V pedindo orientações de como se deve proceder para se atingir o Reino que nós preconizamos. Aquele Majestade orienta-nos trabalhar com Administração Municipal e as autoridades tradicional, tendo dado todas orientações precisas para o propósito. Com orientações recebidas, no dia 6 de Dezembro do mesmo ano, como havia dito a sua Majestade, fez-se apresentação do programa à Administração Municipal do Cuvango, na presença de 22 participantes, isto é, partidos políticos com assento no parlamento, líderes das Igrejas e alguns membros do conselho de auscultação da comunidade da administração municipal do Cuvango.

Tendo este encontro servido de pontapé de saída sobre o começo deste processo, muitos deles tomaram a palavra maioritariamente a favor do processo do qual o próprio Administrador manifestou-se satisfeito, chamando atenção a comissão organizadora, maior afinco e seriedade no tratamento da questão, olhando para o tamanho da responsabilidades de um Rei, sendo necessário um indivíduo de maior responsabilidade, tendo capacidade para união de pessoas e competente para auxiliar a Administração Municipal e não intriguista, pelo que este trabalho deve ser feito lá na base, não na Administração Municipal, assim desse o Administrador.

No dia 7 de Março de 2020, como a comissão organizadora só tinha seis (6) membros, houve a necessidade de se aumentar o número de efectivo para o melhor avanço do processo, assim entraram novos membros no grupo: Sr. Adão Kambinda (Soba grande), Dr. Miguel Luís, Sr. Cândido Ntyamba, Sr. Ernesto Ndala e Sr. Casimiro Ntyamba; Naquele momento a comissão teve Onze (11) membros no total. Foi naquele encontro que se fez a proposta de fazer pedido ao Ministério da Defesa onde o candidato a Rei é efectivo.

No dia 9 de Março de 2020, foi-se novamente ao Município do Cuchi a encontro do Rei Mukuva V. O objectivo desse contacto foi o levar ao conhecimento daquele Monarca sobre o bom andamento das actividades tendo apresentado o curso do programa, sobre todos os pormenores tratados com Administração Municipal do Cuvango. Em seguida, na mesma deslocação chegou-se a Menongue batermos a portas do Historiador Dr. Vissundju. Para essa deslocação do Cuchi a Menongue a reconhecer ajuda da Vossa Majestade o Carlos Kangandzi em disponibilizar a sua Viatura e seu motorista.

O Historiador Dr. Vissundju alimentou-nos com suas explicações sobre o caminho que nós deveríamos seguir até alcançar o nosso objectivo, também relatou alguns dados da história do Tyihwaku. Orientou-nos trabalhar em conjunto para a organização do Reino do Kuvango e dia 11 de Março partimos de Menongue para Kuvango de regresso. No dia 18 de Março de 2020, fizemos uma viagem a Chamutete na Secção de Pessoal e Quadro a pedido da norma do requerimento ao Ministério da Defesa do qual o mesmo é efectivo. No dia 18 de Março, regressamos ao Kuvango e dia 20 de Março, o Governo Decreta o estado de Emergência por causa da COVID-19 e ficou-se dois meses e meio sem mexer em nada e só em Maio com o Decreto de Calamidades Pública, é que retomou-se as actividades.

No dia 15 de Maio de 2020, já na situação de estado de calamidades a comissão apresentou a norma do pedido vinda do comando da 61ª Brigada na Administração Municipal do Kuvango que serviu a norma de elaboração do ofício dirigido ao Ministério da Defesa a solicitar Candidato à Rei, o 1º Sargento Maior Boaventura Francisco Ntyamba, não desvinculação definitiva, mais a título acumulativo.

No dia 18 de Maio de 2020, fizemos uma viagem de ida e volta a Chamutete apresentando o ofício do pedido à Brigada na Secção de Pessoal e Quadro tendo o Chefe da S. Q. Paulo Kativa por sua vez encaminhado o ofício ao Gabinete do Comandante Brigadeiro Mateus Dongala do qual recebemos a resposta positiva inicialmente verbal, garantindo-nos que avançássemos com as actividades sem receio aguardando a todo momento a resposta por escrito, isto porque o candidato a Rei é um efectivo de serviço Militar. No dia 6 de



Junho de 2020, a comissão reuniu-se a fim de instituir a corte real e que ficou as seguintes entidades:

#### **Quadro Orgânico da Corte Real**

- Boaventura Francisco Ntyamba- Rei Tyihwaku II
- Domingos Kambinda- Mwene Kapitango
- José António Ntyamba- Mwene Ndundo
- Júlio Kambinda- Mwene Sendje
- Filipe Kassanga- Mwene Ndaka
- José Miguel Ntyamba-Mwene Sinde
- Gabriel Kativa-Mwene Tyoto
- Luís Ntyamba-Mwene Kandeï
- Pedro Ntyamba-Mwene Ussaço

#### **Mwatas (Exercício)**

- Justino A.Ndala-Mwata Kaissongo
- Jorge Kativa-Mwata Nkula
- Alberto L. Ndala-Mwata Kalei
- Pascoal M. Kambinda-Mwata Kavela
- Miguel Kambinda-Mwata Mbumba
- Celestino Pacote-Mwata Nkuazi
- José Miguel Ndala-Mwata Kavandamena

No dia 20 de Junho de 2020, a comissão recebeu o pronunciamento do ofício que havíamos emitido ao Gabinete do Comandante da 61ª Brigada, vindo do comando da 6ªDIM, com seguinte teor: A repartição de Pessoal e Quadro da 6ª DIM, vem por intermédio da proceder a remessa da nota nº02/Gab.CMDTE/ 6º DIM/2020 de 17 de Junho dirigida a sua Excelência CMDTE da região Militar Sul sobre o assunto exposto no ofício nº 11/2020 de 13 de Maio onde solicita a dispensa do Senhor 1º Sargento (I N F) Q.P-EXE-100926228- Boaventura Francisco Ntyamba, da Companhia dos Especialista Militar de IMO da 61ªDIM, para exercer o cargo de Rei na comunidade do Kuvango.

No dia 10 e 11 de Julho, fomos pedir o candidato a família de linhagem pela mãe, o candidato foi encaminhado à Vossa Majestade Mukuva V, Rei do Cuchi

que merecem alguns tratamento pelo mesmo regressa ao Kuvango no dia 14 de Julho pela boleia oferecida pela Vossa Majestade Carlos Kangandzi.

Houve necessidade de se aumentar mais membros dado também o volume de trabalho totalizando assim (15) Quinze e dos quais são: Sr. Ernesto Tomas dos Santos Kupapala, Sr. António Francisco Kufuna, Sr. António Paulino dos Santos e Sr. Benjamim Ntyamba.

No dia 03 de Agosto de 2020, em conformidade de trabalho realizou-se um encontro com os regedores do Município do Kuvango, no qual se fizeram presente 14 Regedores e dois representantes da administração Comunal de Ngalangue, Vicungo e um do Sector Km-50 Kapapala. O objectivo da reunião foi de informar e explicar aos regedores das Embalas, o porque da restauração do Reino do Kuvango, como esta andar estes processo e, quem foi indicado a Rei do Kuvango e explicar outros passos a seguir,

Tal como o Sr. Administrador Municipal do Kuvango, Luís Marcelo Kambinda Ndala orientou que o processo é só com a Direcção Municipal da Acção Social em que o Administrador passaria a receber actas, a Comissão trabalhou exactamente com área Social na da Directora dos assuntos Social Dr. Maria Madalena Nyama e o Chefe da Secção da Promoção da Cultura Sr. Clemente Victorino Ntyamba Kambinda e estes em contacto com Gabinete Provincial da Cultura; Foram recebidas várias orientações de apoio a destacar a Circular nº001/2018 de 14 de Dezembro, Projecto Lei sobre Autoridades Tradicional, através do Gabinete Provincial da Cultura/ Huíla no Lubango.

A Comissão reuniu-se muitas vezes para analisar indicar a data de entronização do Rei, ora dia 28 de Agosto, 30 de Setembro, 30 de Outubro mais como a Condições ainda não estavam criadas tudo não foi possível nas data anteriormente marcadas e previstas.

No dia 27 de Outubro de 2020, os da Comissão Organizadora para o efeito partir para o Cuchi com o próprio Candidato ao encontro da sua Majestade Mukuva v, Rei do Cuchi; O objectivo foi de marcar a data de entronização; Foi indicado o dia 14 de Novembro de 2020 pelo que dado alguns imperativo de várias natureza a data foi remarcada para dia 28 de Novembro de 2020. Os

dias restantes que conduziram a data de entronização foram aproveitados para amadurecimento do processo.

No dia 20 de Novembro de 2020, partiu-se para o município do Chipindo a fim de levar ao conhecimento sobre o processo da restauração do Reino do Kuvango e, por sua vez convida-los para a Cerimónia de entronização, isto é, levar o Soba Grande, Administrador Municipal, Chefe da Secção da Cultura. Nesta data dia 20 de Novembro na ausência do Soba Grande, Administrador, fomos recebidos pelo Secretário-Geral da Administração Sr. Mateus Kassanga, a que foi entregue o mapa geográfico do Reino do Kuvango depois da nossa abordagem e de nos ter posto o visto nas guias de marchas demos por vinda a viagem com o regresso a procedência.

A Comissão organizadora lamentou a ausência do Administrador Municipal do Kuvango, Luís Marcelo Kambinda Ndala, que não esteve presente por imperativo da Circular.

Foi entronizado o Sr. Boaventura Francisco Ntyamba a Rei do Reino do Kuvango, tendo-lhe atribuído a designação de Tyihwaku II em homenagem ao herói Mwene Tyihwaku, deportada em 1908 pelo colono Português.

## **CAPITULO III- ANÁLISE E TRATAMENTO DE DADOS**

## **CAPITULO III- ANÁLISE E TRATAMENTO DE DADOS**

### **3.0 – Preliminares da Investigação;**

#### **3.1- Designs da pesquisa**

Para completar a investigação, o terceiro capítulo é, por norma, reservado ao tratamento dos dados obtidos por intermédio da aplicação de um inquérito por questionário. Esta investigação teve como população 30 moradores, residentes no Município do Cuvango. O objectivo da aplicação do inquérito visou recolher informações sobre o tema.

#### **3.2. População e Amostra**

##### **3.2.1. População**

Segundo Gomes (2003, p. 27), define população como sendo o grupo de elementos distintos possuindo certo número de características comuns, sendo estes elementos chamados também de unidades populacionais, sobre os quais serão recolhidas informações. Para a nossa pesquisa, determinamos como população 30 pessoas naturais e residentes no Cuvango.

##### **3.2.2. Amostra**

Amostra é um subconjunto de indivíduos da população alvo e para que as generalizações sejam válidas, as características da amostra deve ser as mesmas da população (Gomes, 2003, p. 28). Seleccionamos uma amostra de aleatória de apenas 25 do total da população. Dos quais 18 (72%) do sexo Masculino e 7 (28%) do sexo feminino.

#### **3.3. Técnica para recolha de dados**

O nosso instrumento de pesquisa é o inquérito por questionário. O inquérito tem como objectivo a recolha de dados que podem ser analisados estatisticamente para revelar padrões ou regularidades (Giddens, 2010, p. 650). Segundo Gaspar e Diogo (2010, p. 108), a aplicação do questionário é um procedimento clássico das ciências sociais para a obtenção de informações.

### 3.4. Dados obtidos

Os dados obtidos que compõem o presente trabalho, foram obtidos através de inquérito por questionário e observação simples. No inquérito, fez-se perguntas fechadas para facilitar a interpretação dos dados e o questionário está composto por seis (6) questões. e como respostas se pós alternativas e que o inquirido aponta somente em uma alternativa. Entretanto, considerou-se nulo aquele inquérito que tivesse confuso na escolha, assinalando duas alternativas, só se validou aquele que optou uma alternativa.

A apresentação dos resultados obtidos através das questões e suas respectivas respostas, graças a colaboração dos populares do Cuvango que tiveram a paciência de preencher os inquéritos. Por sua vez, passa-se a apresentação das afirmações como forma de perguntas e as respostas de forma numérica. Os resultados que foram apresentados em forma numérica, obedecem uma fórmula para se apurar a sua percentagem. Eis a fórmula:

$$\begin{array}{l} 25\text{-----}100\% \\ 14\text{-----}X \end{array} \quad X = 14 \times 100\% / 25 = 56\%$$

**Tabela 1 - Idade dos sujeitos da pesquisa**

<b>Idade/Anos</b>	<b>Nº de pessoas</b>	<b>Percentagem</b>
<b>20-24</b>	<b>8</b>	<b>32%</b>
<b>25-29</b>	<b>9</b>	<b>36%</b>
<b>30-39</b>	<b>7</b>	<b>28%</b>
<b>+ 40</b>	<b>1</b>	<b>4%</b>
<b>Total</b>	<b>25</b>	<b>100%</b>

Fonte: dados da pesquisa

Na tabela nº 2 acima, lê-se que dos 25 sujeitos participantes da pesquisa 9 que corresponde a 36% têm idade compreendida entre os 39 e 44 anos, 8 que corresponde a 32% têm uma idade entre os 28 e 38 anos, 7 que se iguala a 28% detêm idade entre os 45 e 52 anos e 1 que corresponde a 4% tem idade igual ou superior a 40 anos. Denota-se ainda que idade média dos sujeitos é de 55 anos.

### 3.4. Questionário aplicado aos residentes do Cuvango

#### Questão nº 1- Já ouviu falar da Mbala Tyihuaku no Cuvango?

Relativamente a esta questão, a tabela nº 2 abaixo revela que, 14 pessoas inquiridas (56%) responderam que já ouviram falar sobre o assunto e 11 efectivos (44%), responderam não, o que totaliza 100% da amostra.

**Tabela 2,**

Respostas	Nº de inquiridos	Percentagem
Sim	14	56%
Não	11	44%
Total	25	100%

Fonte: dados da pesquisa

#### Questão nº 4- como avalia as relações entre o poder tradicional e o poder Administrativo do Município?

Quanto a questão acima, a tabela abaixo mostra que, 9 pessoas (36%) responderam que a relação entre é boa e 16 (64%) responderam que não são boas, o que faz 100% da amostra.

**Tabela 4**

Respostas	Nº de inquiridos	Percentagem
Boas	9	36%
Más	16	64%
Total	25	100%

Fonte: dados da pesquisa

4.1. Quanto a justificação do assunto, cada um justificou de acordo o seu nível de pensamento, mas em suma quase todos apontaram ser razoável a relação entre os dois órgãos de poder.

#### Questão nº 5- A Mbala Tyihuaku desempenha o papel importante nos domínios:

Quanto a esta questão, 9 inquiridos (36%) disseram que é no domínio da educação cultural dos jovens, 4 inquiridos (12%) responderam educação académica e 12 inquiridos (16%) apontaram para a preparação para a integração social, o que faz 100% da amostra.

**Tabela 5**

Respostas	Nº de inquiridos	Percentagens
Educação cultural dos jovens	9	36%
Educação académica	4	12%
Preparação para a integração social	12	48%
Total m	25	100%

Fonte: dados da pesquisa

**Questão nº 6-** O que levou ao enfraquecimento do reino Tyihuaku por muitos anos?

Quanto a essa questão, a tabela abaixo revela que 2 inquiridos (8%) responderam que foi pela morte de Tyihuaku, 18 pessoas (72%), responderam que era por motivos de conflitos de sucessão e 5 inquiridos (20%), responderam ser traição dos soberanos locais.

**Tabela 6**

Respostas	Nº de inquiridos	Percentagens
Morte de Tyihuaku I	2	8%
Conflitos de Sucessão	18	72%
Traição de outros soberanos locais	5	20%
Total	25	100%

Fonte: dados da pesquisa

**Questão nº 7 – O que motivou a restauração da Mbala Tyihuaku?**

Relativamente a esta questão, na tabela nº 7 abaixo compreende-se que do total de 25 sujeitos participantes da pesquisa, 12 que corresponde a 48% são da opinião de que é para transmitir as novas gerações as potencialidades do reino Tyihuaku, 5 igual a 20% consideram que é para o resgate dos valores culturais, 4 que correspondem a 16% responderam que era para contrapor ao poder administrativo.



**Tabela 7**

Respostas	Nº de inqueridos	Percentagens
Transmitir as novas gerações as potencialidades do reino Tyihuaku	12	48%
Resgatar os valores tradicionais	4	16%
Valorização da cultura local	5	20%
Contrapor ao poder Administrativo	4	16%
<b>Total</b>	<b>25</b>	<b>100%</b>

Fonte: dados da pesquisa

## **CONCLUSÕES E SUGESTÕES**

## **Conclusões**

O reino Tyihuaku, é um dos reinos fortes, que desempenhou o papel importante na resistência contra a opressão colonial, na educação dos jovens e sua inserção na vida social, organizado do ponto de vista cultural. Depois de termos abordado sobre muitos aspectos sobre o referido reino, chegamos as seguintes conclusões:

Como todos os reinos africanos, o reino Tyihuaku, viria a ficar fragilizado com a pressão dos colonizadores portugueses, que para a desestabilização do mesmo contaram com a cumplicidade de outros soberanos da região, que ao se aliar com os portugueses levaram a cabo uma política de acabar com o poder de Tyihuaku;

Depois de deportação de Tyihuaku, a problemática de sucessão, com destaque ao medo dos potenciais candidatos a sucessão, viria acentuar os níveis de desorganização do reino e o poder passou a ser entregue para os interessados em tomar o poder e não por mérito;

Durante décadas o poder foi passado de pessoa a pessoa sem respeitar os critérios nem as cerimónias solenes que se impunham para a sucessão e alguns sobas que ascendiam o poder eram providos pelas digitais do colonizador, para atender os seus mais nobres interesses;

Com vista a restabelecer o poder e fazer surgir novamente um reino Tyihuaku poderoso, em 2019, os Anciãos da linhagem Tyihuaku, decidiram eleger um soberano Tyihuaku, desta vez obedecendo os critérios da soberania, com todas as cerimónias que se impõem, para o efeito, foi criada uma comissão com conhecimento da Administração Municipal, que trabalhou arduamente no processo e que culminou com a eleição e empossamento do novo soberano que ficou conhecido por Tyihuaku II;

O reino Tyihuaku, foi restaurado com vista a recuperar a educação cultural característica dos povos do Cuvango, que anda perdido devido a onda da aculturação que tende a levar ao desaparecimento dos usos e costumes locais.

## Sugestões

A elaboração de um trabalho académico não pressupõe o esgotamento de uma determinada temática, pois esta elaboração não é feita de forma cabal. Por esta razão, achamos que este é apenas um dos trabalhos que podem ajudar a enriquecer o acervo bibliográfico existente sobre o tema. Sugerimos que:

- ✓ Em função dos resultados do inquérito e pelo facto de ele não abranger todos os populares pertencentes a linhagem Tyihuaku, que haja mais investigadores locais, para buscar e trazer mais verdades sobre o referido reino e as suas potencialidades;
- ✓ O tema seja abordado por outros académicos e em horizontes diversificados, utilizando outras fontes de modo a dar a conhecer a população académica e não só, sobre os poderes dos nossos reis locais e sua organização em todos os domínios antes, durante e depois da colonização portuguesa;
- ✓ Que haja mais debates e dissertações sobre o tema de modo a compreender os danos causados pelos europeus na desestruturação dos reinos locais e trabalhar para a restauração dos mesmos, pois, são o garante e alma da cultura e tradição dos autotones, que fazem a sua identidade.

## **BIBLIOGRAFIA E ANEXOS**

## Bibliografia

Alessandra, P. (2001). O método da análise documental numa pesquisa historiográfica, departamento de Psicologia social e institucional da universidade estadual de Londrina;

Appolinário, F. (2006). Metodologia da Ciência: Filosofia e prática da pesquisa. São Paulo: Pioneira Thomson Learning;

Braudel, F. (1976). História e Ciências sociais. 2ª ed. Lisboa, Ed. Presença.

Goulart, M. (2012). Não há verdades africanas: a incorporação das autoridades tradicionais na administração pública dos PALOP. Observatório dos Países de Língua Oficial Portuguesa - OPLOP.

Lakatos, E. M. M. (2002). Método do trabalho científico 6ª Edição, são Paulo, atlas.

Leite, F. T. (2008). Metodologia científica: métodos e técnicas de pesquisa. Aparecida: idéias e letras.

LEI 08 de 2016. Codificação das circunscrições territoriais PDF. Consultado em 21 de Agosto de 2018.

Maconi, M. A. e Lakatos, E. M. (2008). Metodologia científica 6ª edição, são Paulo: Atlas, 2011.

Martins, R. B. (2004). Metodologia científica, 1ª edição.

Silva, J. C. G. da (1994). *Identidade Roubada: ensaios de Antropologia Social*. 1. ed. Lisboa: Gradiva.

Bastide R. (1968), *Religions africaines et structure de civilization*.

Carvalho, R.D. (1997), *Aviso à Navegação. Olhar Sucinto e Preliminar sobre os Pastores da Província do Namibe*. INALD. Luanda.

Esterman, C. (1962), *Etnografia do Sudoeste de Angola o grupo étnico Herero*. Junta de Investigações do Ultramar, Memórias.

Kassanga P. ( 2015), *A resistência Anti-colonial no Kuvango: Um Subsideo para Historia de Angola*. Luanda- Angola.

Galileia M. (1975), *a espiritualidade da libertação*, Petrópolis.

Guebe A. e Pascoal M. (2016). A entronização do soberano de linhagem em Angola: O caso da comunidade Hanya, Políticas, direitos e práticas da sociedade e do Estado.

Kativa, B. (2011). A pérola etno-antropológica dos Ngangelas. Menongue.

Kwononoca, A. (2014). Usos e Costumes dos bantu de Angola: os Nganguelas. 27 de março de 2014. Ondjira Sul. Disponível em: <http://poesiangolana.blogspot.com/2014/03/os-ngangela-leia-se-nganguela.html>. Acesso em 10 de nov. 2018.

Milheiros, M. (1949). Os Ngangela: breve estudo dos povos e da sua região. Mensário administrativo: Publicação de assuntos de interesse Colonial, n. 26-27, p. 49-71.

Pacheco, F. (2002). Autoridades tradicionais e estruturas locais de poder em angola: aspectos essenciais a ter em conta na futura administração autárquica. Disponível em: <https://library.fes.de/pdf-files/bueros/angola/hosting/pacheco.pdf>. Acesso em: 14 abr. 2021.

Rosendahl, Z. (2002). Geografia da religião: uma proposta temática. **GEOUSP**, São Paulo, n. 11, p. 9-19.

Gabriel, M. (1977) *Os antepassados e a fé cristã: uma questão africana*

## **ANEXOS**

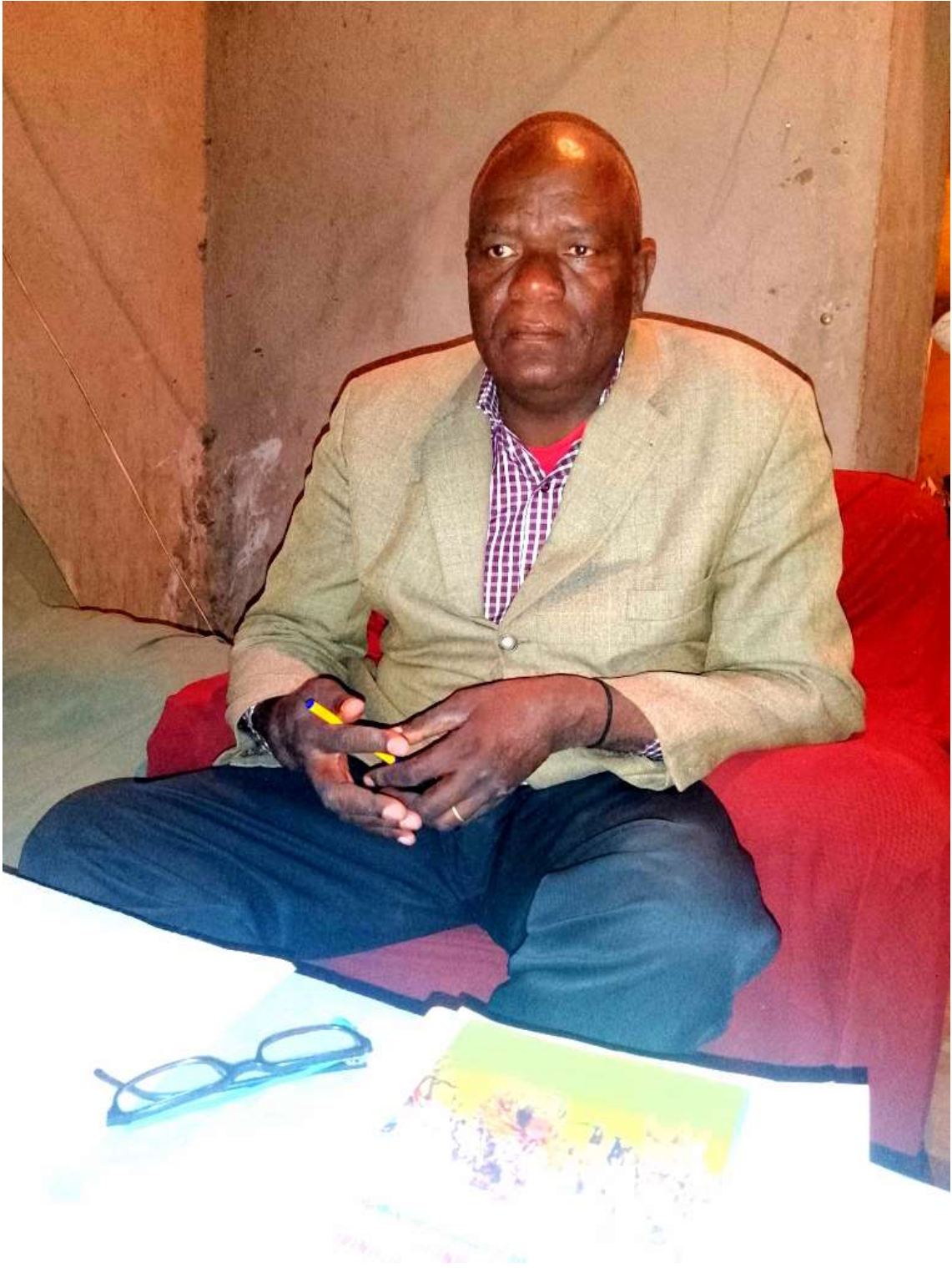


Anexos I:



**Anexos II**







Instituto Superior de Ciências da Educação

ISCED – HUÍLA

**TEMA: A IMPORTÂNCIA HISTÓRICA DO REINO TYIHWAKU NA ÉPOCA PRÉ-COLONIAL NA ACTUAL SEDE DO MUNICÍPIO DO KUVANGO E A INTRONIZAÇÃO DO MWENE TYIHWAKU II**

Inquérito aplicado aos naturais e moradores do Cuvango.

Caro morador

O presente questionário destina-se a recolha de dados sobre o tema acima, para a realização da nossa monografia para a obtenção do grau de Licenciatura em ensino de História. O preenchimento adequado e fidedigno dos dados é também um elemento chave para a qualidade do trabalho, por isso, solicitamos que o faça com honestidade e de forma independente. Para tal, siga as seguintes instruções.

Irá colocar um X em cada quadradinho de acordo com a opção que considerar correcta e em algumas questões terá de fazer um breve comentário.

1- Dados pessoais

Idade-----

Profissão-----

Curso: diurno -----  Pós-Laboral-----

2- Já ouviu falar da Mbala Tyihwaku no Cuvango?

a) Sim -----

b) Não -----

3- A Mbala Tyihwaku joga o papel importante nos domínios:

a) Educação cultural dos jovens? -----

b) Educação académica? -----

c) Educação dos elementos culturais? -----

4- Como avalia as relações entre o poder tradicional e o poder Administrativo no município?

a) Boas-----

b) Más-----

4.1- Justifique a razão da escolha-----  
-----  
-----  
-----

5- Que razões levaram ao enfraquecimento do reino Tyihwaku durante muitos anos:

a) A morte de Tyihwaku I? -----

b) Conflitos de sucessão? -----

c) A traição de outros soberanos locais-----

6- O que motivou a restauração da Mbala do Tyihwaku?

a) Transmitir as novas gerações as potencialidades do reino Tyihwaku-----

b) Resgatar os valores culturais? -----

c) Valorização das culturas e costumes locais? -----

d) Contrapor ao poder Administrativo? -----

Atenciosamente

Bernardo Jorge Cambinda